

Projecto Cinema Documental
Ninguém Nasce Campeão
Winners aren't born Winners

Instituto Politécnico do Porto
Escola Superior de Música Artes e Espectáculo

Mestrado em Comunicação Audiovisual
Especialização em Fotografia e Cinema Documental
Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Comunicação Audiovisual

Unidade Curricular
Projecto/Ensaio

Orientador
Jorge Campos

Aluno
António Jorge Sousa Abreu
4120232

2013/2014

'Ninguém Nasce Campeão' - António Abreu

ESMAE | POLITÉCNICO
DO PORTO

Departamento de Artes da Imagem

Projecto Cinema Documental
Ninguém Nasce Campeão
Winners aren't born Winners

Instituto Politécnico do Porto

Escola Superior de Música Artes e Espectáculo

Mestrado em Comunicação Audiovisual

Especialização em Fotografia e Cinema Documental

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Comunicação Audiovisual

Aluno

António Jorge Sousa Abreu
4120232

Unidade Curricular

Projecto/Ensaio

Orientador

Jorge Campos

Co-Orientadores

Adriana Baptista

Francisco Vidinha

José Quinta Ferreira

Marco Conceição

Nuno Tudela

Pedro Sena Nunes

2013/2014

Resumo

Ninguém nasce campeão. É preciso talento, trabalho, dedicação e paixão por aquilo que nos move. Nunca é fácil alcançar a primeira vitória, há quem demore meses, anos, uma vida. Muitos não chegam ao patamar mais alto da competição mas outros lutam todos os dias para sentir novamente o viciante prazer da vitória. Os verdadeiros campeões não se contentam com o segundo lugar, lutam todos os dias intensamente, enfrentando lesões, dificuldades financeiras, alegrias e tristezas. O desporto une nações, aproxima povos e, de certa forma, anula a diferença entre os seres humanos. O desporto tem o dom de mudar vidas, mesmo as mais humildes, transformando o Homem comum numa inspiração para milhões de pessoas.

Inspiração é palavra que faz parte da vida de Paulo Batista desde miúdo. Este apresenta um percurso de vida com origens humildes, tendo alcançado o sucesso profissional, desportivo e social, graças à sua força de vontade, dedicação e talento. Praticante de quatro modalidades de Bicicletas Todo-o-Terreno (Downhill, Cross-Country, Enduro e Ciclismo de Estrada) nascido e criado na Camacha, ilha da Madeira, conhecida por ser um verdadeiro paraíso das modalidades radicais, a sua história inspira qualquer um que luta por um sonho. Não faltam títulos para comprovar o seu sucesso desportivo, frequentemente galardoado com subidas ao ponto mais alto do pódio, mas nem sempre foi assim.

Onde foi buscar essa força de vontade e motivação? Por conhecer esses momentos, essa luta, essa força de vontade e dedicação, sentimos que é a nossa missão contar a verdadeira história deste atleta através de um documentário, onde serão aplicadas as técnicas aprendidas no Mestrado em Comunicação Audiovisual. A história que queremos contar é uma inspiração e esperamos que seja o também para outros jovens que lutam todos os dias por um sonho.

Palavras-chave: Desporto, Sonho, Vida, Limite, Inspiração. Talento

Abstract

Nobody is born a champion. It requires, hard work, dedication and passion for what keeps you moving. It is never easy to reach the first victory, some take months, years or even a life. Many don't reach the highest score on the competition but others fight every day to feel again the addictive pleasure of a victory. Real champions aren't satisfied with the second place. They keep fighting every day, facing injuries, financial difficulties, joys and sorrows. Sport unites nations, brings people together, and in a certain way, eliminates the differences between human beings. Sport has the gift of changing lives, even the more humble ones, transforming a common Man in an inspiration for millions of people.

Inspiration is the word that is part of Paulo Batista's life since he was a kid. His path of life presents humble origins, having reached success in professional, sports and social ways, thanks to his willpower, dedication and talent. Practitioner of four different mountain biking modalities (downhill, cross country, enduro and cycling), born and raised in Camacha, Madeira, an island known for being a true paradise for radical sports modalities, which history inspires anyone who fights for a dream. He hasn't any award missing to prove his success in sport, he's frequently awarded for uprising to the highest spot in the podium, but it hasn't always been like that.

Where did he get all that willpower and motivation? For knowing those moments, that fight, that willpower and dedication, we feel that our mission is to tell the true story of this athlete. Using the documentary techniques learned at Masters Degree, the story we want to tell is an inspiration and we hope it is also to others, to the young who fight every day for their dream.

Keywords: Sport, Dream, Life, Limit, Inspiration, Talent.

Dedicatória

Sempre que pego na máquina de filmar, tenho um objectivo. Contar uma história, gravar para lembrar mais tarde, construir memórias ou eternizar momentos. Não quero ser igual a tantos outros. Quero inovar, marcar a diferença e estabelecer o ritmo; ritmo que seja referência para a minha e próximas gerações. Quero que as imagens e sons que capto representem aquilo que sinto, aquilo que experiencio e que quero partilhar com aqueles que incondicionalmente apoiam-me. Quero continuar a criar e sonhar. Quero acreditar na minha visão, trabalho e paixão. Quero enfrentar medos e dúvidas, sem nunca deixar de ser quem sou.

Não vou esperar até ao momento certo. Nunca existirá momento perfeito. Existirão, pois sim, barreiras, dificuldades e desafios. Mas mais vale começar hoje a lutar por aquilo que verdadeiramente acredito.

Dedico este projecto aos meus amigos e à minha família, que estão sempre comigo.

Agradecimentos

Obrigado ao meu orientador, Professor Doutor Jorge Campos, por acreditar no meu projecto até ao final, dando a força necessária para o terminar.

Obrigado aos meus co-orientadores, que sempre estiveram presentes quando precisei.

Obrigado aos meus pais, Rita e Luís, por todo o carinho e amor ao longo destes últimos anos. Sem eles nunca poderia ter perseguido o meu sonho de estudar, nem seria a pessoa que sou hoje.

Obrigado à minha namorada, Bela, por conseguir ser especial todos os dias. Pelo abraço que dá força, motivação e confiança. Obrigado pelo sorriso que anima os meus dias e que nunca esquecerei.

Obrigado ao meu amigo, Paulo Batista, por nunca dizer nunca e aceitar fazer parte deste projecto. Espero conseguir homenagear o seu percurso para sempre.

Obrigado aos meus amigos. Eles tornam tudo melhor. Rui Sousa, Emanuel Pombo, Fábio Ferreira, Pedro Silva, Pedro Luís, Filipe Sousa, João Silva, Rafael Farias, Tiago Resende, Duarte Nóbrega, Roberto Chaves, Laura Machado, Paula Duarte.

Obrigado às marcas que nunca deixaram de acreditar no meu trabalho e que fazem parte deste projecto: EVOC, Bike Zone, Vittoria, Six Pack Racing, Unit, Dupla DP, Freeride Madeira.

Índice

Resumo	3
Abstract	4
Dedicatória	5
Agradecimentos	6
Introdução	8
Capítulo I - O Documentário	9
1.1. Documentário: Estilo Livre	9
1.2. O Prazer do Cinema	12
1.3. Registo Documental.....	13
1.4. O Desporto no Cinema	14
1.5. Filmes de Referência	15
Capítulo II - Ninguém Nasce Campeão	20
2.1. A paixão pelo desporto	20
2.2. Modalidades Radicais.....	22
2.3. O BTT.....	23
Capítulo III - A personagem	25
3.1. Vontade de Vencer	25
3.2. Paulo Batista	26
Capítulo IV - Relatório do Projecto	31
4.1. Pré-Produção	31
4.1.1. Problematização	33
4.1.2. Sinopse	34
4.2. Produção.....	34
4.2.1. Metodologias	34
4.2.2. Calendarização	38
4.2.3. Locais.....	39
4.2.4. Experiência de Produção	40
4.2.5. Conclusão Produção.....	44
4.2.6. Material	44
4.3. Pós-Produção	45
4.3.1. Música.....	46
4.3.2. Cor	48
4.3.3. Som.....	49
Conclusão	51
Bibliografia	53
Anexos	57

Introdução

Neste documentário pretendemos mostrar até que ponto a origem social e as contingências económicas do protagonista são ultrapassadas através da sua prática desportiva. Isso só será possível a partir do momento em que o protagonista se afirmar como personagem, no contexto de uma narrativa necessariamente com contornos dramáticos. Assim sendo, os obstáculos no percurso de vida funcionam como motivação e levam ao desenvolvimento de estratégias discursivas e narrativas.

O atleta Paulo Batista acaba por representar o triunfo daqueles que lutaram por um sonho quando as condições são adversas. Tudo o que conquistou até hoje, apesar das dificuldades políticas, sociais e económicas, foi devido à sua força de vontade, ao desejo de vencer e ao compromisso de viver o sonho de uma vida. Enfrentou lesões e quedas. Perdeu campeonatos por centésimos de segundo. Venceu taças por dezenas de segundos. Nunca imaginou que fosse possível alcançar o que sempre sonhou. A verdade é que este desporto mudou a sua vida para sempre.

Capítulo I - O Documentário

1.1. Documentário: Estilo Livre

Através do documentário temos nas nossas 'mãos' a capacidade de criar algo que fique para sempre. Uma recordação, um momento, uma viagem no tempo. O ponto de vista artístico tem a capacidade de transportar-nos para uma dimensão diferente, que, tal como defende Sauper (2008)¹, o documentário assenta no "estilo mais livre do cinema, onde temos uma enorme possibilidade de formas de expressão". Já Sumar (2008)², defende que o documentário "tem o poder de levantar questões nas mentes das pessoas e o poder de nos fazer interagir e criar empatia com as coisas e com os assuntos". Através do uso da experiência pessoal do espectador, a história pode ser desconstruída. Apesar do autor muitas vezes apresentar no seu trabalho documental uma visão e uma linha a seguir, os documentários que nos deixam a pensar, que nos fazem questionar e que levantam questões pessoais, sociais, políticas ou outras, são aqueles que realmente conseguem marcar a diferença.

Como refere Penafria (1999)³, "as primeiras experiências com as imagens em movimento tinham apenas por objectivo registar os acontecimentos da vida quotidiana das pessoas e dos animais". Essas imagens eram recolhidas nos locais onde decorrem os acontecimentos, com as pessoas que os desempenham.

Tal como defendido por Gierson⁴, o documentário é definido como o "tratamento criativo da realidade"⁵, onde existem combinações, recombinações e formas criativas de trabalhar o material recolhido. Com Gierson também ficou esclarecido que é essencial o autor mostrar o seu ponto de vista sobre as imagens produzidas e a sua relação com os outros elementos, tais como sons, música, ritmos. Daí existirem variadas maneiras de abordar uma temática ou de contar uma história. O documentário por estar assim afastado de uma cópia de acontecimentos e acções, deixa assim espaço para que o autor intervenha de modo criativo na concretização do filme, afirmando-se como artista. (Penafria, 1999)⁶

¹ "Capturing Reality" Ferrari, P. (2008)

² *Ibidem*

³ Penafria, M. (1999). Perspectivas de desenvolvimento para o documentário. Universidade da Beira Interior.

⁴ Cineasta Escocês, nascido a 8 de Abril de 1898, considerado um dos principais nomes da história do documentário.

⁵ Penafria, M. (1999). Perspectivas de desenvolvimento para o documentário. Universidade da Beira Interior.

⁶ *Ibidem*

Penafria (1999)⁷, refere que o documentarismo assenta em três princípios: o registo *in loco* da vida das pessoas e dos acontecimentos do mundo; a temática que apresente um ponto de vista segundo o autor; a capacidade de utilização criativa por parte do autor. Assim, tal como tentamos com este projecto, existe a vontade de assumir uma visão própria, possuidor de um estilo característico que mais tarde seja interpretado e relacionado com o autor. Ainda Penafria (1999)⁸ defende que o documentário "trata sempre profundamente os seus temas, estando por isso, vocacionado para promover a discussão sobre determinado tema, respeitar as aspirações, expectativas e motivações daqueles que filma". A temática é abordada segundo uma visão, directamente associada à criatividade do autor, que utiliza os mais variados recursos tecnológicos e formas de expressão para passar uma mensagem, incentivando o debate e assim, tal como defende Penafria (1999)⁹, uma "melhor compreensão do mundo". E não são só escolhas cinematográficas como luz, cor ou movimento, mas também escolhas temáticas que permitem assim o espectador identificar e relacionar-se com o filme, mostrando qual o objectivo do autor em relação ao que o rodeia. Torna-se impossível um autor desligar-se da época em que está inserido e de todo o espaço envolvente, acompanhando não só a evolução temática mas também a evolução tecnológica. Neste caso, a evolução tecnológica está também relacionada com a constante evolução do documentário, o que só contribui para um enorme espólio de temas, histórias e momentos. Com isto, o documentário assume-se como uma "porta aberta para o mundo, para diferentes olhares sobre o mundo" (Penafria, 1999)¹⁰, permitindo-nos exercer maior conhecimento sobre o que nos rodeia e sobre nós próprios.

A vida real é muito mais interessante e bizarra do que qualquer coisa que consigamos inventar. A imaginação é limitada mas a realidade é esquisita e apelativa. E por mais que tentemos, os filmes de ficção não o conseguem fazer.

Kevin MacDonald¹¹

A verdade é que ninguém busca a definição ou tenta criar uma tradição dentro do estilo documental. Ninguém partiu em busca da invenção do filme documental. O desafio desde o início do documentário, foi explorar os limites do cinema, partindo em busca de novas formas de contar uma história. Esta exploração só foi possível

⁷ Penafria, M. (1999). Perspectivas de desenvolvimento para o documentário. Universidade da Beira Interior.

⁸ *Ibidem*

⁹ *Ibidem*

¹⁰ *Ibidem*

¹¹ "Capturing Reality" Ferrari, P. (2008)

através do esforço e da experimentação. Tal como defende Nichols (2010)¹², a imagem oferece um ritmo que seduz e capta a atenção do espectador, com uma magia própria. A experiência de ver um filme difere da experiência de ver a realidade de uma forma que as palavras não conseguem descrever. Ainda Nichols (2010)¹³, diz-nos que "do documentário, não tiramos apenas prazer, mas uma direcção também".

Dependendo da mensagem que o realizador pretende passar, é possível criar um documentário sem retoques, ou uma recriação do real. O resultado, depois, nunca será, evidentemente, a imagem pura e simples da vida real. Assim, o documentário é uma constante da história do cinema, desde os mais simples filmes dos irmãos Lumière até aos mais sofisticados produtos do documentário mais recente. O que acaba por tornar o documentário único não são só as imagens pitorescas, mas sim a construção do quotidiano, o dia-a-dia habitual das pessoas ou das sociedades. Tal como defende Almeida (1982)¹⁴, Flaherty não assentava o seu trabalho apenas nos aspectos pitorescos. Filmava as "refeições, a casa, a pesca e toda a vida de Nanouk e da sua família". Bresson (2000)¹⁵, defende que não devemos "filmar homens ou mulheres apenas pelo seu exterior, mas sim por aquilo que são feitos". As imagens soltas, sem conexão entre si acabam por não realçar ou dar a conhecer a personagem do documentário. A entrevista desempenha assim um papel fundamental para estabelecermos uma ligação emocional forte com a personagem. Tal como Guzman (2008)¹⁶ defende, "quando concentramo-nos totalmente na pessoa e compartilhamos as lágrimas, é sinal que a entrevista funciona". Almeida (1982)¹⁷ diz-nos que "uma simples imagem no cinema, sem a necessidade do uso de nenhuma palavra, pode revelar ou descrever a fome ou a riqueza, a humildade ou a inveja, o ciúme, a cobardia ou a coragem". É isso que procuramos de forma constante. Uma imagem que descreva-nos o meio onde vive, de onde veio e para onde vai.

¹² Nichols, B. (2010). Introduction to Documentary. Indiana University Press.

¹³ Nichols, B. (2010). Introduction to Documentary. Indiana University Press.

¹⁴ Almeida, M. F. (1982). *Cinema Documental, História, Estética e Técnica Cinematográfica*. Porto: Edições Afrontamento.

¹⁵ Bresson, R. (2000). *Notas sobre Cinematógrafo*. Porto: Porto Editora.

¹⁶ "Capturing Reality" Ferrari, P. (2008)

¹⁷ Almeida, M. F. (1982). *Cinema Documental, História, Estética e Técnica Cinematográfica*. Porto: Edições Afrontamento.

1.2. O Prazer do Cinema

Tal como Ronaud (2013)¹⁸ cita, "é preciso que as pessoas que se sentam para ver um documentário sintam o prazer do cinema". O mesmo explica que "como o documentário tenta falar-nos do mundo e o mundo não vai bem, os espectadores acabam por sair acabrunhados e de cabeça baixa". Através dos seus projectos, tenta mostrar que é possível mudar esta perspectiva em relação ao documentário. De certa forma, o projecto que pretendemos desenvolver acaba por ir de encontro ao que Ronaud (2013)¹⁹ defende. Apesar das dificuldades e dos obstáculos encontrados ao longo do percurso de vida do atleta Paulo Batista, sempre tentou agarrar as oportunidades, encontrar o melhor caminho, olhando sempre para a frente com optimismo e força de vencer. Com isto, não procuramos mostrar apenas onde se encontra actualmente, colocando-o como herói, mas colocando-o como exemplo e força motivacional para o espectador. Novamente, Ronaud (2013)²⁰ defende que "se não formos nós a fazer a história dessas lutas, ninguém o fará".

Todos nós temos uma história de vida única. No fundo, é isso que torna cada indivíduo especial e diferencia-nos dos outros. A história acaba por ser conhecida através da palavra e das acções desempenhadas pela personagem. Tentamos aprofundar sempre o conhecimento da personagem, tentando fugir ao comum e ao superficial. A entrevista, através da conjugação de imagem e som, acaba por desempenhar um papel fundamental para o desenvolvimento da história. Nem todos desenvolvem uma relação forte com a máquina de filmar, daí que é fundamental a personagem do projecto sentir-se confortável durante as gravações. Num momento inicial a máquina de filmar poderá constranger, mas em seguida deve tornar-se natural e apenas um acessório durante o processo de entrevista. A personagem pode muitas vezes sentir que é uma oportunidade para soltar as emoções, dizer o que vai na alma e falar abertamente daquilo que muitas vezes evitam ou não dão importância. Para outros, a máquina de filmar pode desempenhar exactamente o contrário, impondo por sua vez o medo, o receio e a contenção da palavra. É importante escolhermos uma personagem com quem conseguimos estabelecer uma ligação, e que no final, mesmo que não aconteça algo que tenhamos previsto, essa informação captada será importante para o desenvolvimento da história. Por vezes a relação entre a pessoa que está por detrás da máquina de filmar e a pessoa que

¹⁸ Retirado de "O documentário deve oferecer ao espectador o prazer do cinema". Ronaud. (12 de 11 de 2013). *Público*, 32-33.

¹⁹ *Ibidem*

²⁰ *Ibidem*

está à frente da máquina de filmar, é que torna tudo mais real. Tal como refere Penafria (1998)²¹, o realizador "garante a unidade do documentário pela relação próxima que estabelece com a temática que aborda, pela definição do ponto de vista (...) e pela criatividade". Conseguimos perceber que a experiência de produzir um documentário está mais ligada ao relacionamento entre o autor do filme e os seus personagens ou assuntos, do que a realidade.

Assim, no momento em que o personagem estabelece uma relação com o projecto, conseguimos assim conhecer e dar a conhecer os detalhes da sua vida e da sua história. Aquilo que é feito. Segundo Ronaud (2013)²², essa é a forma que "o cinema ajuda a tomar consciência da realidade", relacionando-se com o espectador.

1.3. Registo Documental

Penafria (1998)²³ refere que o documentário assume diversas formas, logo não devemos tentar encontrar uma definição rígida sobre um tipo de filme "que provou já a sua versatilidade". Assim, ao longo dos anos, o documentário atravessou períodos de mudança social e documentou a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo. Este estilo de filme continua a mudar continuamente a cada novo documentário lançado, experimentado ou produzido.

Cada documentário tem o seu próprio estilo. Corresponde, tal como no cinema de ficção, aos ideais e à visão do realizador, que, indiscutivelmente, funciona como um controlador da informação que passa com as suas imagens, sequência, ritmo e sons. O realizador, no estilo documental, aplica a sua própria visão, deixando, a maioria das vezes, o espectador fazer a sua interpretação pessoal. O documentário é assim um produto associado ao discurso intelectual e ao discurso emocional.

Segundo Nichols (2010)²⁴, o documentário pode ser dividido em seis diferentes modos: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performativo.

Tendo em conta os tipos de documentário sugeridos por Nichols, consideramos o projecto "Ninguém Nasce Campeão" mais conectado ao modo expositivo, o qual se preocupa mais com a defesa de argumentos do que com a estética e subjectividade.

²¹ Penafria, M. (1998). Unidade e diversidade do filme documentário. Universidade da Beira Interior.

²² Retirado de "O documentário deve oferecer ao espectador o prazer do cinema". Ronaud. (12 de 11 de 2013). *Público*, 32-33.

²³ Penafria, M. (1998). Unidade e diversidade do filme documentário. Universidade da Beira Interior.

²⁴ Nichols, B. (2010). *Introduction to Documentary*. Indiana University Press.

O discurso de um filme do modo expositivo é direccionado para o espectador, de uma forma directa e objectiva. Uma das maneiras mais comuns de comunicação neste tipo de documentário é através da voz onisciente, colocando assim em ênfase a ilustração pela imagem numa lógica mais informativa. Assim, ao contrário dos outros tipos de documentário sugeridos por Nichols, o discurso assume um estatuto organizador da sequência narrativa, afirmando-se como dominador, tornando as imagens a confirmação visual da argumentação narrada ou descrita. O tipo ou modo expositivo assume assim uma maior capacidade de generalização para os públicos, apostando numa estrutura mais retórica e argumentativa.

Contudo, as categorias de Nichols não são imutáveis e podem combinar-se seguindo assim o interesse do autor. No projecto "Ninguém Nasce Campeão", através da entrevista e das palavras do personagem, procuramos retratar a realidade mas deixar também uma margem para interpretação pessoal por parte do espectador. Queremos, de certa forma, que o espectador faça uma comparação entre as dificuldades que ultrapassou na vida e as que estão documentadas e implícitas no projecto com Paulo Batista. Assim, pretende-se que o espectador, de qualquer idade, género e estatuto, consiga encontrar no filme uma inspiração para o seu futuro, seja no trajecto pessoal, profissional ou desportivo. O formato do documentário propõe dar uma nova visão sobre um assunto de relevância social que não possui um tema ou resposta fechada, e que varia conforme a experiência pessoal.

1.4. O Desporto no Cinema

Desporto, podemos odiar ou amar, a verdade é que está em todo o lado, até no cinema documental. Para alguns pode parecer uma obsessão pouco saudável, sem explicação, apoiado em instintos tribais, onde o nosso corpo é colocado no limite ou acima dele. As modalidades desportivas têm-se tornado uma das principais temáticas para a produção de documentários. A razão para isso é que o desporto confere uma narrativa clássica ao documentário pela sua própria natureza.

Existe um início, um meio e um final. Vencedores e derrotados. Equipas e indivíduos. Regras a serem quebradas. Objectivos e viagens. A história tem um objectivo. Normalmente os atletas referem as suas longas jornadas como míticas, longas e duras, e essa é a pura verdade do desporto. O espectador de um documentário desportivo gosta de identificar-se com essas batalhas da vida, apreciando a forma como alguém luta para alcançar a perfeição. Um simples gesto que pode dar a vitória ou a derrota. Um conjunto de movimentos que revelam a

personalidade do ser-humano, mas também as suas características físicas e intelectuais. Por isso, os documentários na categoria de desporto muitas vezes não são sobre o desporto em si, mas sobre a pessoa que luta para ser o melhor todos os dias.

1.5. Filmes de Referência

O estado da arte assume uma elevada importância no desenvolvimento deste documentário, comparando e analisando projectos semelhantes. Assim, é possível abordar e adaptar características que vão de encontro ao objectivo final, abrindo novas perspectivas visuais, sonoras e narrativas. Através do estado da arte, o processo de construção e inovação torna-se mais fácil.

Life Cycles (2010)

Como principal referência para este projecto, seguimos as características visuais do filme "Life Cycles" de Frankowski²⁵, que aborda a vida dos atletas de alta competição no desporto BTT. Maioritariamente filmado no Canadá, é explorado ao detalhe a construção da bicicleta, a manutenção e exploração de novos trilhos e o dia-a-dia dos melhores atletas de BTT do Mundo. Apesar de realidades completamente distintas, sem qualquer referência ao início da carreiras destes atletas ou às suas características pessoais, o projecto "Life Cycles" funciona como uma homenagem. Uma homenagem ao veículo que move estes atletas e à natureza que representa um palco perfeito para esta prática desportiva. Existe um narrador que com simples palavras descreve alguns momentos da acção, transportando o espectador para a potencialidade do ser-humano e da natureza.

A função do projecto "Life Cycles" é simplesmente estética. A cor, o movimento de câmara, a tonalidade e o ritmo da história são os factores principais que associamos ao desenvolvimento do projecto "Ninguém Nasce Campeão". Relativamente à história do projecto "Life Cycles", tudo gira em volta do nascimento da bicicleta, a vida e a sua morte. O objectivo central é contar uma história, colocando o espectador em contraste com a realidade e o sonho. A história é distribuída em vários blocos, criando um género de nostalgia da infância do espectador. Frankowski menciona igualmente que buscou inspiração em documentários como "Deep Blue" e "Planet Earth", tentando aproximar e unir a natureza com a máquina e

²⁵ Realizador e fotógrafo nascido no Canadá. Participou em 2007 e 2010 no concurso internacional Red Bull Illume.

ser-humano²⁶. O filme "Life Cycles" não é só a base estética do projecto desenvolvido com o Paulo Batista, mas sim uma inspiração constante para aquilo que idealizamos na vida. Tal como este filme busca atingir uma vasta audiência, deixando o espectador relacionar-se tal como entende, a criação do projecto "Ninguém Nasce Campeão" assenta na mesma base.



Figura 1 - "Life Cycles"

Won't Back Down (2013)

O documentário "Won't Back Down" de Porter²⁷ e Lawlor²⁸, conta-nos a história de um dos melhores atletas de BTT do Mundo, Steve Peat. O filme conta-nos a história de Steve²⁹ desde a sua infância em Sheffield, as suas influências, as vitórias e as inúmeras derrotas, a família mas também o facto de nunca ter desistido do sonho de ser campeão do Mundo. Apesar das muitas vitórias na sua carreira, aos 38 anos nunca tinha conseguido subir ao ponto mais alto, mas em 2009 tudo mudou. Sendo o atleta que compete há mais tempo no circuito Mundial, Peat dá-nos a fórmula para atingir um sonho. Lembra que quando começou a praticar a modalidade, tudo rodava em volta da diversão com os amigos mais chegados com um pouco de competição à mistura. Vinte anos depois diz que o sentimento continua o mesmo desde os tempos de criança.



Figura 2 - "Won't Back Down"

²⁶ Retirado de "The Cyclist Behind 'Life Cycles': An Interview With Director Derek Frankowski" (1 de 25 de 2011), *Adventure Journal*.

²⁷ Clay Porter é um cineasta americano, conhecido por tornar o BTT como um produto para as massas através dos seus documentários.

²⁸ John Lawlor é um cineasta irlandês, conhecido pela sua carreira nos campeonatos do Mundo de Downhill e pelos seus filmes "Three Minutes Gaps" e "Four By Three".

¹⁸ Atleta britânico profissional de Downhill, nascido a 17 de Junho de 1974. Oito vezes campeão nacional do Reino Unido.

Este projecto tornou-se importante para o desenvolvimento do documentário "Ninguém Nasce Campeão", por motivos estéticos, narrativos, mas também por simples inspiração. Steve Peat continua a ser uma inspiração para a personagem do projecto. A forma como Porter e Lawlor abordam a vida do atleta acaba por incidir directamente na inspiração que procuramos no nosso projecto, mas numa escala mais pequena. Através da entrevista e das secções repletas de acção e música, Porter e Lawlor convidam o espectador a conhecer não só o atleta mas sim a pessoa, Steve Peat. Defendem que o filme é sobre a vida de um atleta de Downhill, mas segue os traços do documentário bibliográfico tradicional. Porter destaca igualmente que ficam sempre "muitas histórias por contar" e que no final têm que realmente fazer uma escolha e uma selecção sobre aquilo que entra no projecto e que nunca será contado ou sabido³⁰.

Ao conhecer a personagem através da sua infância, das suas influências, esforço e dedicação, todas as vitórias e derrotas fazem mais lógica e criam uma maior empatia com o espectador. Conseguimos desde o início relacionar as duas personagens, identificando as parecenças de carácter, personalidade e força de vontade. Conseguimos também identificar as semelhanças em termos de narrativa e objectivos gerais dos projectos.

Rising from Ashes (2012)

Este documentário foi criado com o objectivo de criar uma história de perdão, esperança e segundas oportunidades. "Rising from Ashes" não é um documentário sobre bicicletas, mas a bicicleta funciona como uma ferramenta que acabou por mudar uma nação. A equipa *Rwanda*, foi fundada como uma organização de ciclismo, mas mais tarde com o genocídio em 1994, os atletas mudaram a sua perspectiva de vida. Concentraram-se em tomar conta das suas famílias e sobreviver. Muitos destes atletas não sabiam ler nem escrever, viviam em habitações sem água ou electricidade, eram mal nutridos e nunca tinham recebido tratamentos médicos. Além disso, estas crianças recuperavam dos efeitos psicológicos do genocídio. Muitas perderam a família, mas não perderam a esperança de lutar por algo maior. Através da sua comovente história, e auxiliados pelo ciclista profissional Jock Boyer³¹, a equipa Rwanda representa esperança entre

³⁰ Retirado de "Interview: Won't Back Down - The Filmmakers" (25 de 11 de 2013). *Pinkbike*.

³¹ Ciclista profissional americano, nascido a 8 de Outubro de 1955. Foi o primeiro americano a participar na Volta à França em Bicicleta.

uma sociedade que recupera de um atentado à humanidade. A bicicleta é a 'arma' que move essa nação.



Figura 3 - "Rising from Ashes"

"Rising from Ashes", converteu-se uma inspiração visual e narrativa para o desenvolvimento do projecto "Ninguém Nasce Campeão". Através dos rostos dos atletas e da narração, conseguimos sentir a paixão que os move no desporto mas também na vida. Tal como defende Scheck (2013)³², a base do filme não é o desporto nem os atletas, mas sim a força e à luta de um povo. Neste documentário pretendemos passar a mesma mensagem, exprimindo assim emoção, sensação, magia e a experiência do cinema para o espectador.

Wide Open: A Life in Supercross, Jeremy McGrath

Este livro é uma auto-biografia do atleta de Supercross e Motocross, nascido nos Estados Unidos da América, Jeremy McGrath³³. Apesar de já estar reformado das competições, Jeremy conta-nos, muitas vezes na primeira pessoa, a sua experiência nas modalidades que praticou durante vinte anos. As longas viagens de caravana pelo território americano, os treinos, a preparação para as provas, as sessões de autógrafos e tudo o que envolve ser profissional de Supercross. Menciona também o perigo destas modalidades radicais, que podem mudar a vida de um momento para outro, seja para positivo ou negativo.

A história começa quando Jeremy tinha três de idade quando recebeu o seu primeiro triciclo, e segue até ao pico da carreira desportiva. É uma forma única de perceber que um atleta de alta competição enfrenta uma luta diária para manter a família, amigos e fãs por perto. McGrath passa a mensagem que por mais sucesso que alcancemos na vida profissional, não devemos esquecer as nossas origens. Em

³² Retirado de "Rising From Ashes: Film Review" (7 de 31 de 2013). *The Hollywood Reporter*.

³³ Piloto de Supercross e Motocross americano, nascido a 19 de Novembro de 1971.

tom pessoal, mostra-nos que muito do que alcançou na vida foi por paixão, dedicação e preparação.

"A Supercross race is merely a snapshot of my life. A clip. A highlight. What I do when the world is watching. It's my reason for being, yes. But between those races is where life happens. And a huge part of my life is preparation."

Jeremy McGrath³⁴

Essa preparação envolve treino físico, treino psicológico, estudos e algo que muitas vezes acaba por passar despercebido: apoio dos mais próximos. Apesar das competições dependerem exclusivamente do atleta, o percurso até alcançar a vitória é sempre acompanhado por familiares e amigos que simplesmente acreditam que é possível. McGrath tenta inspirar as novas promessas no desporto, mostrando que se queremos mesmo algo na vida, temos que lutar por isso. Essa mensagem podia ser apenas aplicada na modalidade que McGrath pratica, mas a verdade é que aplica-se a todo o tipo de situações da vida, tal como o projecto "Ninguém Nasce Campeão". A forma como valoriza a prática desportiva radical e tudo o que envolve um percurso dum atleta serviu de base e inspiração narrativa para a condução de entrevistas mas também na forma de relacionar-se com o atleta. Assim, através da leitura deste livro, tornou-se mais claro compreender aquilo que um atleta de alta competição passa para chegar ao seu limite.

³⁴ McGrath, J. (2005). Wide Open: A Life in Supercross. HarperCollins.

Capítulo II - Ninguém Nasce Campeão

2.1. A paixão pelo desporto

Como explicar a paixão que milhões de pessoas de todo o mundo, de todas as idades, culturas ou extractos sociais, sentem por actividades desportivas? Rematar uma bola, correr de um ponto a outro, voar mais alto ou ser o mais rápido, o que tem de especial ou comovente? O desporto deve tocar num ponto sensível dentro de nós que faz despertar tal emoção, vontade de vencer e viver. Talvez toque nas necessidades fundamentais do ser humano: competir, identificar-se ou defender uma identidade comum. Todos os animais competem entre si, mas só o ser humano é que conta uma pontuação, anota as vitórias e reúne os troféus. Competir sempre fez parte da natureza do homem e levamos essa característica para o desporto. E com a competição vem derrota e vitória. Michael Jordan³⁵ refere que falhou vezes sem conta na vida, mas é por isso que no final alcançou o sucesso³⁶. E por mais contraditório que seja, Jordan refere que aprendeu com o erro todas as vezes que falhou, levantando-se assim mais forte e mais capaz.

Brincar e jogar é uma actividade comum a todas as crianças que já todos fomos. Sem preocupações com o desempenho, procurando tirar partido do melhor da vida naquilo que é a mais pura, livre e simples expressão do desporto. A paixão pelo desporto surge muitas vezes na infância e é a paixão que colocamos na sua prática que torna tudo tão belo, único e especial. Assim, "quando uma técnica foi tão bem aprendida que se tornou quase natural, raramente se perde".³⁷ A cada movimento lembramo-nos inconscientemente da nossa infância, aperfeiçoamos a técnica e força a cada momento, treinamos mais para subir ao lugar mais alto do pódio e lutamos para ultrapassar os nossos próprios limites. O desporto "ajuda as crianças a compreenderem que a vida se faz de sucessos e insucessos"³⁸ e que é importante aprender a superar os obstáculos que vão surgindo ao longo da nossa vida. Além disso, permite-nos perceber que para atingir um determinado objectivo é necessário muito trabalho, esforço e dedicação, sem os quais nunca obterão sucesso.

³⁵ Jogador americano de basquetebol, considerado por muitos especialistas um dos melhores atletas de todos os tempos.

³⁶ Retirado de "Michael Jordan's Unofficial Guide to Success in the NBA". Dan Favale. (14 de 2 de 2013). *Bleacher Report*.

³⁷ Selecções do Reader's Digest. (1990). *ABC da Mente Humana*. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, SA.

³⁸ *Ibidem*

Um jovem com origens claramente humildes está habituado a lutar para alcançar melhores condições de vida, sejam sociais, económicas ou profissionais. É uma constante busca por aceitação, aprovação pela sociedade e uma prova pessoal de que merecem algo melhor. O facto de ser pobre ou ter poucos recursos disponíveis, não significa que não é capaz ou que não tem competências. Significa, pois, que o ser humano tem que lutar para ultrapassar todas as barreiras, tem que sobreviver num meio que não domina, habituando-se assim a ter pouco mas a valorizar o pouco que tem. Está habituado a sofrer, a trabalhar, a ser exigente consigo mesmo, mas também a aproveitar todas as oportunidades que surgem. Desenvolvem desta forma uma força interior, uma vontade fora do comum, uma resistência à frustração, ao fracasso, ao desprezo dos demais e à derrota. Aprendem que com trabalho e dedicação, a vitória surge, mesmo que não tenham os melhores equipamentos, a melhor assistência técnica, alimentar e acompanhamento médico.

O papel da família torna-se fundamental para o desenvolvimento destas características, assim como o ambiente que os rodeia, as companhias, as amizades e as ambições pessoais, sem esquecer e descuidar os traços da personalidade e genética. É um conjunto de factores que levam à criação e desenvolvimento de um atleta de alta competição. Tal como defende Coakley (1994)³⁹, as pessoas com maiores capacidades financeiras estão aptas a consumir e a promover determinados desportos. Os desportos individuais são, normalmente, associados a um poder económico mais elevado. Segundo Sugden e Tomlinson (2000)⁴⁰, desporto e hierarquia social estiveram sempre fortemente relacionados. Assim, verifica-se que os desportos que requerem material caro são praticados em clubes privados por indivíduos pertencentes a classes favorecidas, ao passo que os desportos que, por tradição, são livres e abertos ao público em geral e financiados por fundos públicos e que não requerem material dispendioso são praticados por indivíduos de classes sociais médias e baixas. Esteves (1999)⁴¹ defende que "a prática desportiva continua a ser nos seus aspectos fundamentais uma distinção ou vantagem".

A importância do desporto nos diferentes espaços sociais onde se inserem os atletas, e as expectativas que estes têm dos patamares onde os pode levar o seu desempenho desportivo, apresentam-se como o condicionante social que mais contribui para o envolvimento em carreiras desportivas.

³⁹ Soares, P. M. (2007). Influência da ideia de sucesso na prática desportiva dos jovens. Coimbra, Portugal.

⁴⁰ *Ibidem*

⁴¹ *Ibidem*

No mundo do desporto, em que o tempo é dividido em centésimos de segundo, "um tempo de reacção de mais ou menos uns centésimos de segundo pode representar a diferença entre a vitória e a derrota"⁴² e tal como defende Derek Jeter⁴³, haverão sempre pessoas com mais talento, mas nunca com mais força de vontade ou dedicação.

A perfeição exigida lança desafios às leis da física. O corpo do atleta é moldado e refinado através de milhares de horas de trabalho, inspirado pela vontade de chegar mais longe e alcançar feitos e façanhas maiores. O desporto testa o impossível, transcende barreiras, move multidões, inventa sensações e riscos, mistura nervos com emoção.

Apesar deste trabalho físico contínuo, onde os atletas esforçam-se para terem "músculos bem preparados, coração vigoroso e pulmões saudáveis"⁴⁴ a mente também controla o desempenho atlético de uma outra forma, mais subtil e ainda não inteiramente compreendida. Pelo menos até ao limite das suas aptidões físicas, os atletas podem sempre melhorar a sua execução através da exercitação psicológica. Cada vez mais, os cientistas percebem que a "resistência mental e a preparação mental são factores que distinguem os vencedores dos vencidos"⁴⁵. Além do factor físico e psicológico, hoje em dia entra em jogo a componente do desejo. Desejo de triunfar, vencer e alcançar o sucesso. Esse desejo inexplicável funciona como factor decisivo e como diferenciador entre um atleta de classe mundial e um atleta amador.

2.2. Modalidades Radicais

Neto (2003)⁴⁶, defende que "as novas gerações procuram práticas diferentes, valorizando o confronto com o espaço natural, a atracção por actividades com elevado grau de imprevisibilidade e risco, e o convívio e o espírito de grupo nas actividades". Já Pires (1990)⁴⁷, afirma que as novas tendências motivacionais das práticas desportivas "prendem-se principalmente com o gosto pela natureza e pela atracção pelas actividades de risco". As actividades desportivas preenchem a satisfação de um conjunto de necessidades sociais, mas são as modalidades

⁴² Selecções do Reader's Digest. (1990). *ABC da Mente Humana*. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, SA.

⁴³ Jogador americano de baseball, que jogou nos New York Yankees durante toda a sua carreira.

⁴⁴ Selecções do Reader's Digest. (1990). *ABC da Mente Humana*. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, SA.

⁴⁵ *Ibidem*

⁴⁶ Neto, C. (1997). *Mudanças Sociais, Desporto e Desenvolvimento Humano*. Lisboa, Portugal: Faculdade de Motricidade Humana Universidade Técnica de Lisboa.

⁴⁷ Nunes, P. (2010). *Desporto, Turismo e Ambiente*. Lisboa, Portugal: Faculdade de Motricidade Humana Universidade Técnica de Lisboa.

desportivas de aventura que suscitam maior grau de incerteza, corte na rotina e maior quantidade de adrenalina. A quantidade de pessoas a praticar estas novas modalidades radicais aumentou drasticamente nas últimas duas décadas. Os jovens sentem-se atraídos pelo desporto ao ar livre, em contacto com a natureza e com um grau de risco físico elevado.

De acordo com Pociello (1987)⁴⁸ o desporto divide-se em três diferentes categorias: o desporto tradicional, o desporto organizacional e o desporto de aventura. Segundo Neto (2003)⁴⁹ o desporto de aventura é claramente o que encontra-se em maior expansão e que oferece aos seus praticantes uma sensação de aventura, risco, imprevisibilidade, teste aos próprios limites, cultura e interacção com o espaço natural. Tal como defende Le Breton (2000)⁵⁰, estas paixões do risco são uma forma de afrontar a morte segundo um modo metafórico, garantir a existência, abandonar provisoriamente o conforto e a segurança ou a necessidade antropológica de existência em situações activas no sentido de um sistema simbólico que estrutura as mudanças.

A transição entre a idade de criança e idade adulta é uma altura de descoberta, com acesso independente nas actividades sociais, culturais e desportivas do jovem. Reconhecemos o jovem como um produtor da sua própria identidade pessoal, influenciado por outros jovens e ambiente que o rodeia. O contacto com a natureza pode também ser uma das partes ligadas ao desenvolvimento pessoal e como forma de socialização. Para estes praticantes de modalidades radicais, a natureza é, sem dúvida, o maior palco desportivo. Uma arena natural em que o adversário invencível e imponente é feito de rocha, água, terra, sol. Domar esse terreno já é uma vitória. Vencer um adversário nessas condições é enfrentar e ultrapassar obstáculos constantes.

2.3. O BTT

Este desporto é também conhecido por separar os indivíduos dos grupos desportivos ou comuns de uma sociedade normal. Sendo um desporto radical, praticado em contacto directo com a natureza e no formato competição dependendo apenas de si, o BTT distingue-se por ser um desporto que diferencia claramente o indivíduo dos grandes grupos. Também compreende-se que os atletas desta

⁴⁸ Neto, C. (1997). *Mudanças Sociais, Desporto e Desenvolvimento Humano*. Lisboa, Portugal: Faculdade de Motricidade Humana Universidade Técnica de Lisboa.

⁴⁹ *Ibidem*

⁵⁰ *Ibidem*

modalidade são caracterizados por serem respeitadores da natureza e pouco preocupados com os elementos que os rodeiam. Estes atletas sentem muitas vezes que não pertencem à sociedade convencional e que não encaixam num grupo dito normal. Daí a explicação da busca e contacto com a natureza, locais onde podem desenvolver técnicas, acrobacias, amizades com pessoas que partilham a mesma paixão, sem serem alertados por entidades oficiais urbanas. Muitos atletas desta modalidade alegam que para praticar BTT não precisam de estar rodeados por muita gente. A vantagem de ser praticado na natureza é uma forma de limpar a mente e fazer o que querem fazer, com liberdade.

"We seek for refuge in the mountains. It's our way to escape from the stress of the city. Mountain biking makes us realize that everyday we conquer something new. It makes us feel better and it's just pure freedom."

Brad Walton⁵¹

Cedo compreendem que para atingir o topo é preciso sonhar. É preciso visualizar a vitória. É obrigatório acreditar em si próprio. Assim se fazem os campeões.

⁵¹ Walton, B. (Realizador). (2012). *In Good Company*.

Capítulo III - A personagem

3.1. Vontade de Vencer

Nos dias de hoje há muitos jovens que querem praticar esta modalidade. O nosso personagem, é um verdadeiro modelo e uma reflexão de que o esforço e trabalho é recompensado a longo prazo. Quanto está em prova ou em competição sabe que está a representar um país, uma ideologia, um objectivo, um sonho. Acima de tudo está a dignificar todos aqueles que sempre acreditaram na sua vitória.

De certa forma, recusa-se a visualizar ou a imaginar a derrota. Visualiza sim a vitória, a meta, a chegada, o pódio. É por isso que mesmo quando está esgotado, atingindo o limite da dor, a sua mente é mais forte que o corpo.

No fundo, o que torna um atleta grandioso é a sua excelência e mentalidade forte, que usa a motivação como fonte de energia para multiplicar a sua força. Essa força interior inexplicável, aliada à energia dos que apoiam incondicionalmente, é o elo que permite concretizar os objectivos e alcançar os sucessos. Apesar de ser um desporto individual, admite que seria impossível desenvolver a sua carreira sem momentos chave da sua vida. Todo o processo é muito intenso, mas com esforço retira das suas próprias reservas a vontade de vencer.

Fora de pista é amigo de todos, respeita os seus adversários directos, mas quando começa a competição, o desafio torna-se numa batalha. Nesses cinco minutos não é o mesmo e deixa escapar a sua agressividade e ambição, numa espécie de raiva controlada. Torna-se difícil verbalizar este sentimento.

Apesar da violência deste desporto nunca partiu ossos ou ficou gravemente ferido, mas já caiu centenas de vezes, contudo levantou-se sempre, sem medo.

São trilhos de vida tão sinuosos como os caminhos das serras e encostas madeirenses. Trilhos esses, percorridos de bicicleta, exigindo esforço físico e psicológico para todos aqueles que pretendem conhecer e explorar a beleza natural da região portuguesa. Tal como defende Joe Sultana, "ninguém tem o direito de morrer sem ver esta paisagem"⁵². Pode parecer simples descer uma montanha, deixando rolar "a invenção mais nobre do ser humano" (Saroyan)⁵³, sem pensar ou reflectir. Mas a verdade é que este atleta transforma gestos simples em pura arte, como se flutuasse eficazmente sobre terra, pedra, água e outros elementos da

⁵² Retirado de Diário de Notícias da Madeira, 23 de Junho de 2013

⁵³ Escritor americano nascido a 31 de Agosto de 1908, vencedor do prémio Pulitzer na área de Drama em 1940

natureza. No instante que chega ao final do desafio que impôs a si próprio, sente que a recompensa é merecida, pois treinou vezes sem conta e vive a sua vida para alcançar esse momento. Por alguns segundos sente-se imbatível e essa sensação é verdadeiramente única. Quando temos momentos de vitória e momentos de derrota tornamo-nos mais humanos.

O desporto é um veículo maravilhoso para os homens se aproximarem e partilharem gestos e emoções. É a forma perfeita para derrubar barreiras raciais e culturais, reconciliar a humanidade na simples e inexplicável vontade e ambição de vencer.

3.2. Paulo Batista

Nascido e criado na zona rural da Camacha, ilha da Madeira, Paulo Sérgio Batista, com 24 anos de idade, é o irmão mais novo da família. Aos oito anos deu as primeiras pedaladas na bicicleta dum vizinho e a partir daí tudo começou a fazer sentido na sua vida. Inconscientemente, Paulo começou a ver a bicicleta como uma terapia, um escape dos problemas e uma forma eficaz de lidar com as dificuldades. As suas origens humildes fazem parte daquilo que é hoje em dia.



Figura 4 - Paulo Batista em competição

O amigo de infância, Roberto Chaves, descreve Paulo como "um rapaz muito lutador, que sempre teve os seus sonhos bem assentes e sempre soube aquilo que queria". Lembra também o momento que conheceu Paulo e descreve-o como um rapaz "tímido, franzino e sorridente". Conhecia as dificuldades que Paulo passava em casa por ser amigo da família, mas sempre que a bicicleta estava presente, o atleta da Camacha não transparecia dor ou tristeza, mas sim força de vontade. Roberto descreve Paulo como "um verdadeiro guerreiro".

Aos catorze anos a vida de Paulo deu uma reviravolta com a morte do pai. Admite que sentiu que tinha que dar um passo maior do que tinha capacidade e indiscutivelmente isso tornou-o adulto mais cedo. Com essa mesma idade desistiu

da escola para grande tristeza da mãe, indo trabalhar para uma serralharia. Paulo sentiu necessidade de contribuir financeiramente para a vida de casa, mas também para conseguir lutar pelos seus sonhos e objectivos. Sempre foi um "miúdo muito independente", admitindo que essa sempre foi a sua educação e a forma como foi ensinado. Seja na vida desportiva, profissional e pessoal, Paulo refere que aprendeu a lutar para conseguir ter alguma coisa na vida, lembrando que tudo o que é hoje em dia deve à influência da sua família. Mais amadurecido e consciente da importância da educação curricular voltou à escola. A bicicleta, além de ser "um amigo", servia também de meio de transporte entre casa, trabalho e escola. Frequentou o regime nocturno na escola da Camacha e finalizou o 12º ano do ensino profissional.



Figura 5 - Paulo Batista, treinos de Enduro

Sentiu-se na obrigação de educar-se e crescer intelectualmente, conciliando os estudos com os treinos e o trabalho. Tal como refere Paulo na entrevista⁵⁴ para o projecto, "aos poucos percebi que a bicicleta fazia parte de mim e fez-me ver a vida de outra forma". Após trabalhar os três meses do Verão na serralharia da Cancela, na zona do Caniço, conseguiu reunir dinheiro suficiente para comprar a sua primeira bicicleta.



Figura 6 - Paulo Batista - Competição

⁵⁴ Consultar Entrevista a Paulo Batista disponível em Anexo.

Sentia que era injusto pedir uma bicicleta à mãe, apesar de ser a sua paixão. Já Filipe Sousa, amigo de infância de Paulo, lembra que "quando ele pegava na bicicleta parecia que passava para outra dimensão, parecia que estava num mundo à parte."

Desde os 18 anos que Paulo compete em quatro disciplinas do BTT: cross-country⁵⁵, ciclismo de estrada⁵⁶, downhill⁵⁷ e enduro⁵⁸. Todas têm regras diferentes e é actualmente o único atleta em Portugal a conseguir competir nas quatro modalidades, conseguindo alcançar pódios em todas. Quando questionado onde encontra motivação, Paulo lembra que aprendeu "a sofrer para conseguir ganhar", e que o sentimento de vitória é "viciante"⁵⁹. O companheiro de equipa e amigo, Rui Sousa, refere que o Paulo tem uma "capacidade extra para sofrer nos momentos decisivos" e "ultrapassar os seus próprios limites". Paulo recorda que muitas vezes pensou em desistir, mas que a dor física é suportada pela mente e pelo desejo de vencer. Antes do início da competição, refere que prepara a sua cabeça para o momento da verdade e que quando chega a altura certa é necessário descarregar toda a raiva que tem dentro de si. Lembra na entrevista que o maior alívio é quando corta a meta e sabe que ganhou.



Figura 7 - Paulo Batista em Les Arcs, França

⁵⁵ Cross-Country (XC) é uma modalidade individual, disputada em contra-relógio mas também em directo contra adversários. Consiste num percurso constituída por estradões ou estrada. Podem ter uma duração de 30 minutos ou 24 horas, conforme a disciplina e inclui subida e descida. (www.uci.ch)

⁵⁶ Ciclismo de Estrada é uma modalidade individual, disputada em contra-relógio, etapas e maratona. Consiste numa prova diária ou provas de vários dias, disputadas num percurso de estrada, com médias de 150km de distância. (www.uci.ch)

⁵⁷ Downhill (DH) é uma modalidade individual, disputada contra-relógio, num percurso íngreme, com terreno irregular. Composta por duas descidas finais, sendo a primeira de qualificação e a última o resultado final. (www.uci.ch)

⁵⁸ Enduro é a mais recente modalidade individual do BTT, disputada contra-relógio, em várias etapas e ao longo de vários dias. As etapas a contar para a pontuação final devem ser constituídas por 20% de subida e 80% de descida. No final, são somados os tempos de todas as etapas, encontrando assim o vencedor. (www.enduroworldseries.com)

⁵⁹ Consultar Currículo Desportivo de Paulo Batista disponível em Anexo.

Paulo refere que quando está em competição individual não está sozinho. Sente que leva consigo a família e todos os que acreditam no seu desempenho. A avó desempenha o papel de segunda mãe e é uma inspiração diária. Lembra dos seus tempos de infância quando via os seus pais e avós a trabalhar na terra, a construir a sua casa, a lutar por algo na vida. Esses momentos em criança, que lembra com saudade, tornaram-se numa motivação extra para lutar pelos seus objectivos de vida.



Figura 8 - Paulo Batista em competição, Ponta do Pargo

Depois de trabalhar durante quatro anos na serralharia da Camacha onde conseguiu chegar a chefe devido às suas competências de gestão, foi convidado para trabalhar numa loja de bicicletas. A mudança de profissão implicava deslocações maiores e admite que foi ganhar menos salário, mas "ia fazer algo que gostava". Hoje, com 24 anos, é gerente da loja Bike Zone Funchal, uma da cadeia de vinte lojas do país. Admite estar a viver o sonho de uma vida e que não vai baixar os braços nos próximos anos. Olhando para trás, lembra a sua vida e a vida da sua família, questionando a sorte que teve em ter as oportunidades certas. Apesar do sucesso alcançado durante estes últimos anos, Paulo não esquece quem sempre o ajudou nos momentos mais difíceis: "a minha família vê-me todos os dias a levantar cedo, a treinar. Por isso, quando eu ganho, eles também estão a ganhar".

As modalidades que Paulo Baptista pratica exigem para vencer, tanto a inteligência como a força. A sua paixão pelo BTT atingiu tal proporção no período do seu crescimento que rapidamente colocou de lado a ideia de praticar outro desporto. Tentou a modalidade para a qual parecia talhado e o seu dom cedo foi notado, como sempre acontece quando o talento é inato. Quem o conhece desses tempos assegura que passava horas a pedalar. Com esse trabalho metódico desenvolveu harmonia entre as técnicas exigidas, a competição e o controlo da bicicleta. A sua

persistência foi premiada com resultados francamente positivos demonstrando nas provas que viria a ganhar posteriormente, que estava na posse de todos os recursos atléticos e competências. Refinou as suas capacidades de percorrer grandes distâncias com grau de elevada dificuldade desde muito novo, já que para frequentar a escola era obrigado a percorrer quilómetros a pé. Transformou-se num jovem combativo de grande valor que tem na capacidade de trabalho a sua principal arma. É rápido, habilidoso, imprevisível, ciclista completo, exímio em todos os terrenos. Para quem nasceu pobre e cedo conheceu as agruras da vida, protagonizou uma carreira fabulosa que fá-lo merecer o estatuto de um verdadeiro campeão.

Capítulo IV - Relatório do Projecto

Ao longo do processo de produção do projecto "Ninguém Nasce Campeão", compreendemos que o documentário é mutável, pois jogamos com emoções de pessoas e as suas vidas, situações que não dependem inteiramente de nós. O processo de produção com os três atletas enriqueceu o conhecimento na área da temática, por isso não foi de todo em vão. A verdade é que o filme iniciou-se com três atletas, Emanuel Pombo, Pedro Silva e Paulo Batista, mas as lesões e compromissos profissionais obrigaram a abandonar o guião inicial. Achamos relevante mostrar o trabalho feito até à fase de produção.

4.1. Pré-Produção

O projecto iniciou-se com a apresentação de uma proposta de pré-projecto, onde se elaborou uma abordagem mais concreta da temática, de modo a aprofundar o assunto a ser tratado com a realização do projecto "Ninguém Nasce Campeão". Iniciamos o processo de pesquisa juntamente com as personagens e os locais de gravação. Com esta pesquisa foi possível compreender as suas rotinas, os locais onde vivem, trabalham e treinam para as competições. Realizamos também uma pesquisa exaustiva a documentos oficiais que comprovam os resultados obtidos ao longo dos últimos dez anos de competição para Emanuel Pombo, e seis anos de competição para Paulo Batista e Pedro Silva. Foi necessário reunir fontes oficiais, como o caso do Diário de Notícias da Madeira e Jornal da Madeira, mas também tornou-se fundamental justificar estas vitórias através do site oficial da Federação Portuguesa de Ciclismo. Neste último local, foi possível consultar os títulos mais importantes das carreiras destes atletas.

Além das fontes oficiais confirmarem estas vitórias e sucessivamente o seu estatuto de campeão, o aprofundamento da temática passou por processos de entrevista. Numa primeira fase reuni-me com os atletas onde conversamos sobre o estado actual da carreira, o caminho a seguir e as suas origens. Esta abordagem, iniciada antes da apresentação do pré-projecto, ajudou a fazer uma selecção natural dos atletas, tendo em conta as suas vitórias mas também as suas origens. Durante este processo, foram deixados para trás outros atletas que não encaixavam na temática, apesar de terem no seu currículo uma grande quantidade de vitórias. Apesar de termos iniciado a fase de produção com três atletas, por motivos profissionais e pessoais, não foi possível levar o projecto até ao final.

Não seria possível prosseguir com a ideia do projecto sem existir uma comunicação directa com as pessoas que assistiram a estas vitórias e derrotas. Depois das conversas informais com os atletas, iniciamos contactos com os seus familiares, treinadores e amigos de infância de modo a conseguir compreender o caminho percorrido para a vitória. Durante este processo, entrevistamos pessoas que além de terem assistido à ascensão destes atletas, foram claramente fundamentais para o sucesso dos mesmos. Durante as conversas com os atletas, chegamos à conclusão que apesar deste desporto ser individual, existe sempre um trabalho de terceiros por trás. Existe sempre uma enorme dedicação, força de vontade e motivação por parte do atleta, mas sem dúvida que aqueles que estão na retaguarda permanecem um pilar de suporte na carreira dos mesmos.

Os familiares e amigos de Emanuel, Paulo e Pedro conseguiram comunicar algumas das dificuldades encontradas ao longo das suas vidas. Todos os pais quiseram sempre dar o melhor aos seus filhos. Todos os amigos acreditaram desde o início que estavam na presença de grandes atletas. Através do seu discurso foi possível perceber que tinham problemas financeiros e hoje em dia ainda os enfrentam, mas tal como Paulo menciona frequentemente nas conversas, "o sonho comanda a vida e na minha comanda mesmo".

Ao longo do ano de 2013, tentamos desenvolver projectos fotográficos de modo a conhecer alguns dos locais onde pretendíamos gravar a acção. Circulamos de uma ponta a outra da Ilha da Madeira, explorando novos trilhos e locais, em busca de algo que verdadeiramente representasse estes atletas. Esses locais apresentam sempre algumas barreiras difíceis de contornar, sendo que alguns dos locais que inicialmente reunimos foram posteriormente destruídos por entidades públicas e privadas ou por fenómenos naturais.

Depois de percorrermos os trilhos do sul ao norte da Ilha da Madeira, conseguimos assentar o projecto em três trilhos, facilitando assim as deslocações. O trilho do Cabouco, na zona das Quatro Estradas, foi o escolhido para Paulo Batista, por ser um dos seus locais favoritos e onde habitualmente treina ao fim-de-semana. No caso de Emanuel Pombo, o trilho Patrica foi a escolha evidente pela proximidade à sua casa na Ponta do Pargo. Em relação ao atleta Pedro Silva, resolvemos escolher o trilho do Montado do Pereiro, um dos mais antigos trilhos da região, local onde Pedro iniciou-se como atleta desta modalidade.

Foi fundamental cruzar a informação dos títulos individuais com as origens dos atletas. Assim, consegui aprofundar o meu conhecimento sobre Paulo Batista,

Emanuel Pombo e Pedro Silva, mostrando até que ponto a origem social e as contingências económicas dos protagonistas são ultrapassadas através da sua prática desportiva.

Esta pesquisa contínua foi também apoiada noutros documentários, que serviram como filmes de referência para o desenvolvimento deste projecto, tal como mencionados anteriormente. Ao longo do último ano fomos acompanhando o lançamento de novos projectos relacionados com modalidades radicais, com especial incidência no BTT. Apesar destes documentários e filmes de ficção associados ao BTT, tivemos também de encontrar influências necessariamente narrativas de modo a conseguir compreender que melhor seguimento dar ao projecto "Ninguém Nasce Campeão". Ou seja, foi também uma pesquisa selectiva, onde tentamos visualizar o máximo de projectos, tentando encontrar uma relação perfeita entre imagem, som e história.

Na conclusão deste processo de pré-produção, tentamos construir uma planificação da narrativa, estruturando uma organização racional e económica. O desafio passou por conseguir calendarizar todas as datas de acordo com as competições e com a disponibilidade da produção. Além disso, tentamos ao máximo realizar pesquisas no terreno e não depender apenas da inspiração diária ou do momento das gravações. Através de idas aos locais e dessa organização detalhada, conseguimos "sentir antecipadamente a história, o ritmo e as suas ligações", tal como defende Almeida (1982)⁶⁰. Esta narrativa sempre foi estruturada para dividir-se em blocos ou sequências, permitindo uma história com relação entre os três atletas.

4.1.1. Problematização

Neste filme pretendemos mostrar até que ponto a origem social e as contingências económicas do protagonista são ultrapassadas através da sua prática desportiva. Isso só será possível a partir do momento em que o protagonista se afirmar como personagem, no contexto de uma narrativa necessariamente com contornos dramáticos. Assim sendo, os obstáculos no percurso de vida funcionam como motivação e levam ao desenvolvimento de estratégias discursivas e narrativas.

⁶⁰ Almeida, M. F. (1982). *Cinema Documental, História, Estética e Técnica Cinematográfica*. Porto: Edições Afrontamento.

4.1.2. Sinopse

Ninguém nasce campeão. É preciso talento, trabalho, dedicação e paixão por aquilo que nos move. Paulo Batista partilha a paixão pelo BTT desde que aprendeu a andar de bicicleta. Não se contenta com o segundo lugar do pódio e luta todos os dias intensamente, enfrentando lesões, dificuldades financeiras, alegrias e tristezas. Com percurso de vida diferente de outros atletas, mas de origem humilde, alcançaram o sucesso na vida profissional, desportiva e pessoal. Nascido e criado na ilha da Madeira, conhecida por ser um verdadeiro paraíso das modalidades radicais, a sua história inspira qualquer um que luta por um sonho.

4.2. Produção

4.2.1. Metodologias

É com Bresson (2000)⁶¹ que iniciamos a nossa fase de produção, pois "compor uma imagem é algo instintivo e não existe certo ou errado". Após a aprovação do projecto, tentamos logo de início estabelecer datas no calendário desportivo dos atletas. Essas datas foram alteradas constantemente devido aos compromissos profissionais dos mesmos. Só foi possível iniciar as gravações com os atletas depois do início da época, deixando assim um espaço entre Dezembro e Março para aprofundar mais conhecimentos sobre os locais as personagens. Assim, realizamos a maioria das entrevistas aos familiares e amigos nesse período de tempo, altura em que não podíamos gravar com os atletas devido a lesões, provas nacionais, mas também por motivos relacionados com a imagem dos desportistas. A época desportiva de BTT em Portugal começa por volta de Fevereiro, sendo por essa altura que os patrocínios dos atletas estão definidos. Ou seja, até Março não foi possível iniciar as gravações com os atletas devido a essas indefinições nas suas carreiras. A partir de Março iniciamos as gravações com o atleta Paulo Batista, que compete neste momento em quatro modalidades, mas apenas nos campeonatos regionais. Para isso, tentamos não perturbar os ritmos de treino e horário de trabalho.

Foi necessário adaptar-se constantemente de modo a respeitar os treinos para as competições, mas também a sua recuperação física. No caso de Pedro Silva e

⁶¹ Bresson, R. (2000). *Notas sobre Cinematógrafo*. Porto: Porto Editora.

Emanuel Pombo, iniciamos o processo mas não foi possível concluir por razões que inviabilizaram o projecto.

4.2.1.1. Paulo Batista

O Paulo apresentou-se sempre muito disponível e interessado no projecto. Resolvemos dividir as filmagens em secções e em vários dias, pois não existiam dias inteiros disponíveis para as gravações devido aos seus diversos compromissos profissionais e desportivos. Assim, ao longo de dois meses conseguimos realizar todas as filmagens planeadas desde o início do projecto: local de trabalho, zona de residência, locais de treino, deslocações, montagem da bicicleta. Ao longo das gravações fomos sempre recolhendo o material, analisando em conjunto e discutindo opções, de modo a facilitar a fase de pós-produção. Tivemos que nos adaptar aos horários de trabalho e treinos de Paulo, mas também fazer o reconhecimento dos locais de modo a ter a máxima eficácia durante a realização das filmagens. No fundo, o objectivo seria captar e acompanhar o dia-a-dia deste atleta, entrar a fundo na sua vida e conhecer todos os detalhes que o rodeiam. Foi necessário também conhecer o que o motiva e o que o desanima, aprofundando assim a história da personagem.



Figura 9 - Paulo Sérgio Batista, Treino Poiso

No caso do Paulo, costuma iniciar o treino entre as 7:00h e as 7:30h, termina pelas 9:00h e entra no trabalho pelas 10:00h. De modo a não perturbar a época desportiva, as imagens dos treinos matinais são nos mesmos locais onde costuma treinar e passar diariamente entre a zona da Camacha e Poiso. Este processo acabou por ser vantajoso para o Paulo e para a produção do projecto, pois este conquistou pela quinta vez o campeonato regional de cross-country, com três vitórias em quatro provas. Desde o início foi importante perceber que o Paulo treina para quatro modalidades diferentes do BTT: enduro, cross-country, downhill e ciclismo de estrada, tal como mencionado anteriormente. São modalidades completamente distintas e que exigem imenso esforço de modo a conseguir adaptar-se a todo o tipo de dificuldades e obstáculos. Este processo de dedicação e

motivação extra acabou por tornar-se a força e a alavanca para a continuação no projecto.



Figura 10 - Paulo Sérgio Batista - Chão da Lagoa

Também registamos a montagem da sua bicicleta de enduro, que prepara sempre fora do horário normal da loja onde trabalha. Devido ao facto de ser mecânico há mais de sete anos, o Paulo tem todas as competências para realizar a manutenção das suas bicicletas e conhecer o material. O cenário escolhido foi a sua velha garagem, pertencente à família.



Figura 11 - Paulo Sérgio Batista - Oficina

Tivemos que recorrer à iluminação artificial do espaço e adaptar algumas zonas de modo a conseguirmos a imagem que pretendíamos. Este processo foi sempre filmado depois do horário normal de trabalho do Paulo, ou seja, sempre entre as 22:00h e as 23:30h.

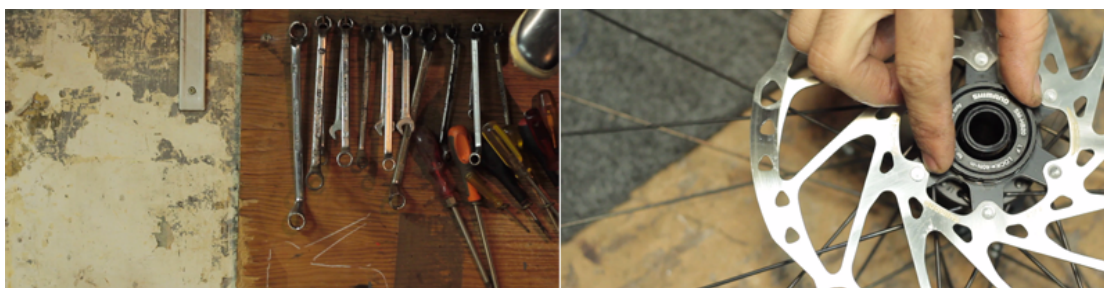


Figura 12 - Oficina

Foi fundamental registar a acção de montagem de bicicleta mas também de contextualizar o espaço de trabalho. As ferramentas, as velhas correntes

penduradas na parede, a bandeira de Portugal e da Região Autónoma da Madeira são detalhes que contextualizam a sua origem, conferindo assim informações importantes para a narrativa.

Outra fase do processo de gravações com o Paulo Sérgio Batista passou pelo seu local de trabalho, situado na zona da Ajuda, Funchal. Tentamos mostrar através da imagem alguns dos seus rituais, funções e relação com o mundo das bicicletas. A forma como interage com as bicicletas dos seus clientes e a forma como busca a perfeição em cada veículo ecológico que conserta. Apesar de ser num espaço interior, não tivemos que recorrer a iluminação artificial extra, mas tivemos que manter a velocidade de obturação baixa, devido ao efeito 'strobe' provocado pelas luzes.



Figura 13 - Paulo Sérgio Batista - Rotina Matinal

Ao longo do projecto, o Paulo sempre nos transmitiu a ideia que as pessoas "não imaginam o trabalho que está por detrás de um atleta". Com as imagens captadas e pela convivência com esta pessoa, conseguimos perceber que a vitória é apenas um pequeno prémio para compensar todo o trabalho duro e exaustivo. Sentimos a necessidade de entrar a fundo na vida de Paulo, captando todos os pequenos momentos que o transformam num verdadeiro campeão.

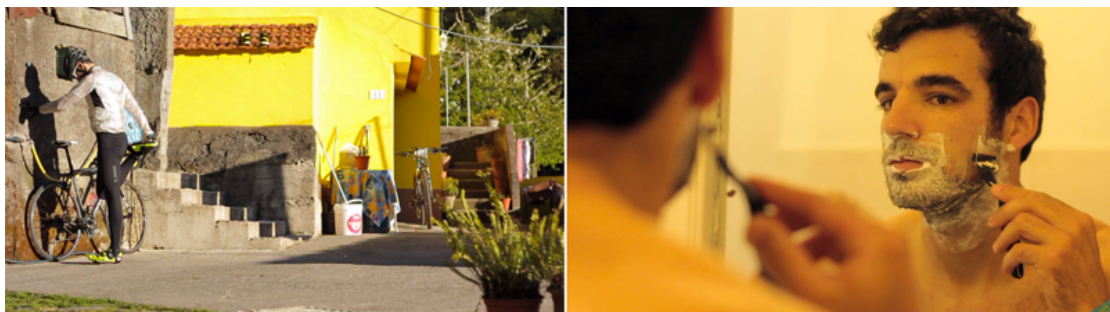


Figura 14 - Paulo Sérgio Batista - Rotina Matinal

Finalmente, no cenário em que estamos mais habituados a trabalhar, iniciamos as gravações de acção num dos nossos trilhos na zona das Quatro Estradas, Madeira. O trilho foi construído de propósito para o projecto "Ninguém Nasce Campeão" e

tinha cerca de quatro meses de utilização. Aqui podemos ver a bicicleta montada na garagem literalmente a voar pelo trilho abaixo. Tivemos também em consideração a escolha do equipamento para o desenvolvimento desta secção, não só a nível de contraste com a natureza mas também devido aos apoios das marcas.



Figura 15 - Paulo Sérgio Batista - Treino Enduro

Durante a realização deste segmento, repleto de acção e movimento, idealizamos uma união perfeita e simbólica entre o homem, a máquina e a natureza. O Paulo, aos comandos da sua bicicleta de enduro, conquistou-nos com as suas passagens rápidas e sem medo ao longo do percurso. Utilizamos nesta secção muito mais movimentos de câmara, recorrendo a sliders e guias. Só foi possível gravar esta secção devido ao trabalho de equipa na construção do trilho Cabouco, agora utilizado pela comunidade BTT da Madeira e por turistas que visitam a nossa região.



Figura 16 - Paulo Sérgio Batista - Treino Enduro

4.2.2. Calendarização

Tal como mencionado anteriormente, fizemos uma divisão entre as três fases de criação do projecto: pré-produção, produção e pós-produção. Na primeira fase e imediatamente após a aprovação do projecto, iniciamos uma pesquisa mais aprofundada na vida dos atletas, entrevistas, recolha de notícias, consulta de bibliografia diversa e calendarização desportiva. Esta fase de pré-produção foi realizada entre Novembro de 2013 e Março de 2014.

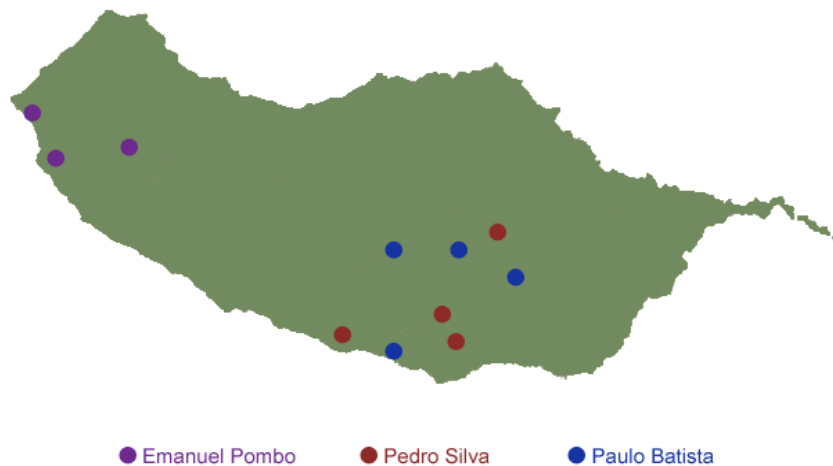
A produção iniciou-se no início do mês de Março, com filmagens a Paulo Sérgio Batista. No mês de Maio foram realizadas as filmagens com Emanuel Pombo. No

final do mês de Junho e início do mês de Julho realizamos as gravações com Pedro Silva. O resto do mês de Julho e Agosto foi dedicado à agilização do processo de forma a completar o projecto com Pedro Silva e Emanuel Pombo.

Durante este período de incógnita e indefinição do projecto, iniciamos a fase de pós-produção com as imagens recolhidas do Paulo Batista, mais concretamente a edição das imagens gravadas, correcção de cor e edição de som. Durante o processo de produção, realizamos uma organização do material, tornando assim mais fácil esta última etapa.

4.2.3. Locais

Durante a produção do projecto "Ninguém Nasce Campeão", tivemos que gravar em interiores e exteriores, prevalecendo na grande maioria as gravações de exteriores. Desde os trilhos Patrica, Cabouco, Montado do Pereiro, Quatro Estradas e Cabo Girão, aos locais de exercício, trabalho e residência dos atletas, todos apresentaram desafios em termos de luminosidade e espaço.



Mapa 1 - Locais de Gravação - Ilha da Madeira

Acima é possível ver os locais de gravação interiores e exteriores. A roxo, no lado Oeste da ilha, foram as gravações do atleta Emanuel Pombo, entre a zona dos Prazeres e Ponta do Pargo. A azul, são as gravações do atleta Paulo Batista, cumpridas entre as Quatro Estradas, Funchal e Camacha. Finalmente, a vermelho, as gravações do atleta Pedro Silva, entre a zona do Cabo Girão, Quatro Estradas e Funchal.

Tentamos recorrer o mínimo possível à iluminação artificial, de modo a aproximar ao máximo à realidade do local. A nível de espaço, tivemos que alterar alguns dos

locais de filmagens, para não recorrer à constante utilização de objectivas de grande angular. Nalguns casos, não tivemos hipótese de escolha devido ao espaço que nos rodeava, fosse em situações interiores ou exteriores. Mais em concreto nas filmagens de interiores, as casas dos atletas ofereceram os maiores obstáculos em termos de captação de imagem. Tivemos igualmente que abdicar da utilização de alguns movimentos de câmara no interior das habitações dos atletas. Foi por vezes necessário perder algum tempo a organizar o espaço de acordo com a imagem pretendida. Mover móveis, reorganizar e limpar os troféus, preparar os equipamentos dos atletas e organizar em geral os locais de residência. Não recorremos de forma excessiva à alteração dos locais de modo a aproximar à realidade da vida destes desportistas, mas tornou-se essencial a reorganização do espaço para aperfeiçoamento da imagem.

No caso dos espaços exteriores, foi sempre necessário perdermos algum tempo na limpeza dos trilhos e manutenção dos mesmos. Isto prende-se essencialmente com a *performance* dos atletas e a sua segurança durante as gravações. Nas gravações de exterior, com especial enfoque nos trilhos de BTT da região, tivemos que cortar alguns galhos que obstruíam a passagem, mover pedras e outros obstáculos perigosos e ainda tivemos que realizar uma manutenção base de algumas curvas e saltos. Assim, com este trabalho de manutenção associado ao projecto "Ninguém Nasce Campeão" contribuimos directamente para a evolução da modalidade na região.

4.2.4. Experiência de Produção

Clima e trabalho de exterior

Um projecto desenvolvido maioritariamente em exterior apresenta dificuldades acrescidas. O controlo da exposição de luminosidade acabou por ser um dos problemas mais complicados de contornar, luminosidade esta que não depende de nós. Trabalhamos a maioria das vezes em ambiente de floresta o qual implica possuir um profundo conhecimento da posição do sol conforme os locais, disposição das árvores e posicionamento da máquina devido às sombras. Trabalhar em exterior não tem apenas como dificuldade a luminosidade incontrolável, mas também os factores naturais que nos rodeiam. A Região Autónoma da Madeira apresenta um clima facilmente mutável devido às suas características geográficas e geológicas. Foi comum enfrentarmos chuvas torrenciais e ventos fortes nas zonas mais altas da região, caracterizando assim o clima regional como imprevisível. Segundo Silva

(1984)⁶², "na Madeira pode haver um macroclima na vertente sul, um macroclima na vertente norte e outro na zona da montanha (...) existem muitos microclimas determinados pela influência do relevo acentuado"

Estas alterações climatéricas constantes são também uma dificuldade acrescida para a utilização de máquinas nos locais. Muitas vezes, tivemos que recorrer a impermeáveis de modo a conseguir 'salvar' o equipamento da chuva. Por outro lado, a falta de chuva e humedificação dos terrenos, acaba por também dificultar a utilização dos equipamentos devido à terra solta ou pó. Estas condições são impossíveis de prever e tem que existir uma adaptação constante por parte do atleta como da realização. Tal como defende Quintal (1994)⁶³, "no Inverno da Madeira é perfeitamente possível no mesmo dia banhar-se nas águas do mar (...) e passear nas altas montanhas cobertas por um manto branco".

Alterações de horários

Devido aos horários dos treinos matinais dos atletas passamos por uma fase de mudança horária, o que alterou consideravelmente os planos de filmagens. Este adiantamento de 60 minutos⁶⁴ ao tempo legal, no dia 30 de Março, modificou a luminosidade. Em termos práticos, as manhãs ficaram mais claras, comprometendo de certa forma a continuidade das filmagens e obrigando a levantar muito mais cedo para encontrar as mesmas condições antes da mudança horária.

Alterações de guião

No total da época desportiva 2014, estes três atletas competiram num total de vinte provas cada um, em várias disciplinas, categorias e locais. Desde a categoria regional, nacional ou internacional, são compromissos que assumem desde o início da época para clubes, patrocinadores e apoios. Tiveram que existir alterações constantes no guião e continuidade da história, que, sem dúvida, alteraram o desenrolar das filmagens.

No início da época, em meados de Fevereiro, o atleta Pedro Silva aguardava uma mudança de equipa, clube e de patrocinadores. O mesmo aconteceu com Emanuel Pombo que após nove anos de competição⁶⁵ mudou para outra marca, alterando

⁶² Silva, P. F., & Menezes, C. A. (1984). *Elucidário Madeirense: Clima*. Funchal: DRAC.

⁶³ Quintal, R. (1994). *Veredas e Levadas da Madeira* (Secretaria Regional da Educação). Funchal: Imprensa Regional da Madeira, E.P.

⁶⁴ Observatório Astronómico de Lisboa, consultado em (10 de 3 de 2014) [<http://oal.ul.pt/hora-legal/mudanca-da-hora/#ano>]

⁶⁵ Notícias Evo-Press, consultado em (9 de 1 de 2014) [<http://www.evo-press.com/site/index.php/noticias/282-emanuel-pombo-e-gt-bicycles-em-2014>]

assim todo o esquema planeado desde Outubro. No caso do atleta Paulo Batista, não ocorreu mudança de equipa ou de clube, mas houve uma alteração para a nova bicicleta de 2014. Aos poucos foi possível adaptar-se aos novos materiais e enquadrar os novos patrocinadores dos três atletas. Como atletas de alta competição, colocou-se a dificuldade empresarial imposta por parte dos compromissos acordados com os patrocinadores que não permitiam que os mesmos aparecessem no novo projecto com material duma época anterior.

Noutras situações houve alterações no guião devido à mudança das escolhas de vida dos atletas. Como exemplo prático, o atleta Pedro Silva que em Dezembro resolveu fazer uma pausa nos estudos na Escola Secundária Jaime Moniz, de modo a conseguir cumprir os objectivos da época 2014. No guião inicial, estavam previstas gravações no interior do recinto escolar. Outro exemplo prático é a presença duma das maiores influências de Emanuel Pombo, o irmão Daniel Pombo. Por motivos profissionais não pôde deslocar-se à região e fazer parte do projecto como teríamos idealizado desde a apresentação inicial.

Lesões dos atletas

Estes atletas, tal como mencionado anteriormente, competem em termos regionais, nacionais e internacionais. Este desporto está associado a uma modalidade moderna de risco, onde as quedas e lesões são constantes na vida dos atletas. Seja em formato competição ou apenas nos treinos, estes atletas não podem perder ritmo ou deixar de praticar ao mais alto nível. As lesões mais comuns⁶⁶ no BTT são por "excesso de uso" ou por motivos "traumáticos".

Durante a produção do projecto, o atleta Pedro Silva teve duas paragens forçadas devido a uma fractura na bacia e um ombro deslocado na Escócia, em Maio. O atleta Paulo Batista enfrentou uma recuperação de esforço após um mês de Março cheio de competições nas diferentes modalidades. O atleta Emanuel Pombo teve em fase de recuperação de uma lesão no pulso esquerdo. O caso do atleta Pedro Silva foi o mais complicado pois num espaço de cinco meses sofreu duas lesões graves e abdicou da cirurgia ao ombro em território escocês para conseguir realizar o projecto. Para isso, esteve dois meses de recuperação e as gravações só puderam ser realizadas no início de Julho. Estes processos de restabelecimento das funções normais do corpo são lentos e muitas vezes dolorosos, o que incapacitam

⁶⁶ Sports Injury Doctor, consultado em (5 de 2 de 2014)
[<http://www.sportsinjurybulletin.com/archive/mountain-biking.php#>]

os atletas de desempenhar as suas capacidades ao mais alto nível, levando a uma pausa e adiamento forçado das filmagens.

Equipamento

Para o desenvolvimento deste projecto, foi necessário encontrar uma proximidade emocional mas também física com os atletas. De modo a conseguirmos chegar aos locais de filmagens, tivemos que recorrer aos apoios privados. A Bike Zone Portugal disponibilizou uma bicicleta para a deslocação mais eficaz nos trilhos da nossa região e assim o apoio para o desenvolvimento do projecto. Este meio de deslocação só foi disponibilizado no início do mês de Abril, sendo que antes todas as deslocações nos trilhos foram realizadas a pé. Foi necessário também recorrer a transporte automóvel devido às distâncias para os locais de filmagens.

4.2.4.6. Continuidade e Cenários

Apesar da Ilha da Madeira apresentar-se como um dos maiores potenciais europeus para a prática do BTT, sempre existiram grandes restrições e barreiras para esta modalidade. No último ano, o cenário tem sido alterado através dum trabalho que relaciona a Secretaria Regional do Turismo e das Florestas de modo a explorar de uma forma correcta os recursos naturais da região. Com isto, surgiram barreiras físicas para o desenvolvimento do projecto, devido à destruição de trilhos e falta de autorizações para a realização de imagens em áreas protegidas. Conseguimos contornar estes pormenores, filmando noutros locais e alterando o guião original.

Em termos de continuidade, as gravações durante a transição entre o Inverno e Primavera, sofreram novas dificuldades, graças ao desenvolvimento da vegetação natural da floresta Laurissilva⁶⁷. Os trilhos foram rapidamente cobertos por plantas rasteiras e as árvores ganharam copas densas que ocultaram e dificultaram a passagem de luz natural.

Trabalho individual

O trabalho individual pressupõe uma quantidade de vantagens e desvantagens. No caso do desenvolvimento do projecto "Ninguém Nasce Campeão" foi efectuado de forma individual por António Abreu, no que concerne a realização, luz, câmara, som, produção e edição. De certa forma, existe uma vantagem de mobilidade para as gravações, mas por sua vez existe uma enorme desvantagem de transporte de material e montagem do mesmo no terreno. Existe facilidade no momento da edição

⁶⁷ Laurissilva é o nome dado a um tipo de floresta húmida subtropical, composta maioritariamente por árvores da família das lauráceas. Actualmente, podemos encontrar este tipo de floresta na Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde.

pois a opinião é única e original. As maiores dificuldades estão relacionadas com o desempenho de funções que não estamos naturalmente talhados ou preparados, fazendo assim um trabalho de quatro ou cinco pessoas na realização dum projecto do mesmo género. Dentro deste sistema de trabalho individual, o maior problema que se coloca é durante as gravações, quando existe uma necessidade de trocar impressões ou ideias com alguém da mesma área. Tal como defendido por Gorgon (2008)⁶⁸ isso cria, sem dúvida, um momento de tensão e de maior pressão para a pessoa que está a realizar o projecto.

4.2.5. Conclusão Produção

Mais tarde, durante o processo de produção, acabamos por chegar à conclusão que não era viável continuar a recolha de imagens com os três atletas devido a compromissos profissionais e ausência da região por parte de Emanuel Pombo e lesões que obrigaram a intervenções cirúrgicas no caso de Pedro Silva.

O material recolhido permite neste momento realizar três filmes diferentes. O desejo foi manifestado por ambas as partes. As histórias são especiais individualmente, são histórias de vida que marcam a diferença pelas origens dos atletas e pelos sucessos alcançados. Este processo foi encarado com tristeza pela necessidade de abandonar o projecto e ideia inicial.

4.2.6. Material

- 1 DSRL - Canon 60D
- 1 Objectiva 70-200mm f2.8
- 1 Objectiva 50mm f1.8
- 1 Objectiva 11-16mm f.28
- 1 Objectiva 18-135mm f3.5 - 5.6
- 1 Tripé Manfrotto PRO 055X
- 1 Gravador portátil Tascam DR-40
- 1 Grua portátil
- 1 Slider
- 1 MacBook Pro 15'

⁶⁸ Gorgon, A. (2008). Advantages and disadvantages of pair work and group work.

4.3. Pós-Produção

Durante este processo tivemos que ter em consideração a ordem dos planos, o ritmo e a fluidez do projecto. O facto da produção, realização e edição ser desempenhado pelo mesmo indivíduo, acabou por facilitar o processo e decisão final. Não foi necessário gastar tempo a comunicar ideias ou a trocar impressões. Além disso, e tal como defende Bresson (2000)⁶⁹, montamos o filme à medida que filmamos, facilitando assim o processo de edição.

Tal como menciona Bresson (2000)⁷⁰, tentamos ao máximo recolher todas as informações e realizar uma primeira selecção no final dos dias de gravação. Assim conseguimos já eliminar ficheiros que tinham erros técnicos e que não estavam de acordo com a história. O trabalho de selecção de ficheiros áudio e vídeo iniciou-se desde o primeira dia de gravações. Nos momentos de selecção e organização de material, foi preciso ignorar uma grande quantidade de imagens por não encaixarem no desenrolar da narrativa ou por não passarem a mensagem que pretendíamos. Por sua vez, outras imagens tornaram-se pontos centrais do projecto. Foi também importante perceber que tipo de acções e momentos são relevantes para o desenvolvimento da história.

Depois de importar as imagens para o Premiere CS5, foi possível iniciar um processo de "Logging", onde catalogamos todas as imagens em termos de locais, tipo de acção, movimento de câmara e sequência a encaixar. Esta selecção ajudou-nos a compreender que tipo de imagens tínhamos disponíveis para completar as sequências.

Com as imagens recolhidas durante a fase de produção seria possível criar um documentário completamente diferente, mas no final o importante é contar uma história em que o espectador possa relacionar-se e estabelecer uma ligação. Para facilitar o processo de edição e montagem, recorremos a um quadro organizacional, onde colocamos os excertos de entrevista, os locais e as sequências. Utilizamos um processo manual de modo a ser mais eficaz colocar e recolocar conforme o desejado. Após esse processo, regressamos ao computador para montar uma sequência e testar as ligações de cenas. Tentamos estabelecer o mais rapidamente possível, o início, o meio e o fim, onde não sentimos muitas dúvidas em relação ao tipo de narrativa a seguir. Conseguimos definir prontamente que queríamos a primeira secção no interior da garagem de Paulo e queríamos o fim com acção,

⁶⁹ Bresson, R. (2000). *Notas sobre Cinematógrafo*. Porto: Porto Editora.

⁷⁰ *Ibidem*

neste caso, no trilho do Cabouco. Ainda hoje, depois de termos o trabalho finalizado e exportado, continuamos a querer melhorar ou talvez fazer algo diferente, mas segundo Bresson (2000)⁷¹, não devemos pensar no filme para além do que conseguimos gravar.

Todos os documentários, mesmo que seja negado pelo realizador, têm implícito um ponto de vista. Esse ponto de vista é influenciado desde o primeiro momento de pré-produção até à fase final de pós-produção. Desde o tipo de objectivas utilizadas, o ângulo, os tempos, o ritmo, a entrevista. A edição funciona no final como uma sinfonia, em que misturamos os vários elementos que temos disponíveis: a música, a personagem, a palavra, a acção, a imagem. Estes elementos isolados não funcionam, mas em conjunto criam a história que pretendemos contar. Montar não é ligar uns planos aos outros, é encontrar linhas melódicas, harmónicas dentro do plano e fazê-las evoluir ao longo de outros planos e no todo do filme (Penafria, 2003).⁷²

Com as alterações de narrativa, tivemos que regressar por três vezes ao terreno para finalizar as imagens de ligação com Paulo e a família. Após o processo de recolha de imagens, bastou encaixar tal como planeado, finalizando assim as sequências.

Por ser um processo tão extenso desde o início da pré-produção até aos últimos retoques de cor e som, ficamos sempre com a sensação que faltavam algumas imagens para as sequências que tínhamos imaginado. Essas imagens apenas não foram construídas por falta de recursos técnicos e baixo orçamento, mas poderiam resultar positivamente na narrativa, fundamentando o seguimento da história e a sua construção. Como defende Frankowski (2011)⁷³, ao longo da criação de um documentário, o filme está em constante mudança até à última "peça" ser colocada.

4.3.1. Música

A utilização de música no documentário é muitas vezes contestada afirmando-se como uma distração à componente da história que queremos contar. Durante a produção do projecto, tivemos sempre a certeza que a música seria um complemento positivo nos momentos de acção, nomeadamente nos treinos de ciclismo de estrada e nos treinos de ciclismo de montanha. Existem momentos no

⁷¹ Bresson, R. (2000). *Notas sobre Cinematógrafo*. Porto: Porto Editora.

⁷² Penafria, M. (2003). *Ouvir imagens e ver sons*. Universidade da Beira Interior.

⁷³ Retirado de "The Cyclist Behind 'Life Cycles': An Interview With Director Derek Frankowski" (1 de 25 de 2011), *Adventure Journal*.

projecto onde o silêncio e o som ambiente são fundamentais, mas nos momentos de acção a música oferece dinâmica sem se sobrepor aos sons naturais da bicicleta no trilho e aos sons da natureza que rodeiam o atleta. A música neste projecto cria um preenchimento, ajuda a compor o ritmo da acção e oferece consistência entre planos.

Além disso, a fase de produção foi inteiramente desenvolvida por uma pessoa, sendo impossível gravar imagem e som de qualidade, desempenhando assim duas funções cruciais para o projecto. Ou seja, o som da bicicleta no trilho foi essencialmente gravado, na maioria das vezes, directamente para a máquina de filmar, não oferecendo assim a nitidez pretendida. A música, além de completar o ambiente e a acção, ajuda a corrigir erros técnicos, abafando comunicação entre atleta e realização, sons de vento e sons de movimento de câmara. Assim, pretende-se que a música e a secção que está associada sejam memoráveis para o espectador. Penafria (2003)⁷⁴ refere que "a música permite-nos olhar para essas imagens de um modo diferente", pois se fossem apresentadas apenas com o respectivo som ambiente teriam um grau de parecença com o que os telejornais nos mostram.

Tal como defende Altman (1992)⁷⁵, a música estabelece "continuidade, facilita a mudança de cenas, oferece entretenimento e conjuga a narrativa com a imagem". Já Glover (2009)⁷⁶, refere que a "música combinada com a visão e linguagem, estimula o cérebro de forma mais eficaz do que qualquer um desses isolados". Além da eficácia da música no filme documentário, que consegue atrair o espectador e relacionar com os seus outros sentidos, Glover (2009)⁷⁷ defende também que a música existe como um método de organização de informação, não só para o criador mas também para o espectador. Quando um filme utiliza o seu potencial total de aproximar-se duma experiência emocional, tal como uma história interessante, boas imagens e música estimulante, aí sim atinge o seu máximo impacto. Ainda Penafria (2003)⁷⁸, refere que "os espectadores dirigem-se aos filmes com todos os seus sentidos".

⁷⁴ Penafria, M. (2003). Ouvir imagens e ver sons. Universidade da Beira Interior.

⁷⁵ Altman, R. (1992). In *Sound Theory/Sound Practice*. (C. a. Routledge, Ed.) New York, Estados Unidos da América.

⁷⁶ Glover, K. L. (2009). *Connections: Making sense of the world around us. The use of music in documentary films*. Montana, Estados Unidos da América.

⁷⁷ Glover, K. L. (2009). *Connections: Making sense of the world around us. The use of music in documentary films*. Montana, Estados Unidos da América.

⁷⁸ Penafria, M. (2003). Ouvir imagens e ver sons. Universidade da Beira Interior.

Durante a fase de produção e em discussão com o atleta Paulo Batista, tentamos igualmente analisar a quantidade de locais em que poderíamos filmar. A música assumiu um papel determinante, pois o ritmo permite economizar tempo durante as gravações. Em algumas zonas já sabíamos que seria necessário compor imagem para encaixar nos trinta segundos de ritmo calmo, recorrendo assim ao *slow-motion*. Esta maneira de visualizar a música relacionada com a imagem permitiu à realização uma liberdade diferente, funcionando como um roteiro para a imagem seguinte. Fizemo-nos acompanhar de uma lista com os tempos correctos de aceleração da banda sonora da secção e tivemos sempre em sintonia com aquilo que precisávamos de gravar para encaixar de forma eficaz no projecto.

Temos a perfeita noção que a música concede uma conotação específica a uma sequência, assim como todos os elementos presentes no projecto: a cor, a luminosidade, os contrastes, os movimentos de câmara, o tipo de acção, o olhar, a palavra. A música é apenas mais um elemento para despertar as emoções sensoriais do espectador e relacionar-se com o momento e com a história.

“The film experience is made up of many activities: our eyes and ears pick up and analyze image and sound, our minds apprehend the story, which resonates in our memory; furthermore, our stomach, heart, and skin are activated in empathy with the story situation”

Grodal⁷⁹

4.3.2. Cor

Tal como mencionado anteriormente, a produção afirma-se como o processo mais importante na realização deste documentário. O tempo dispendido foi muito maior à espera da luz ideal ou da hora perfeita do que na edição de cor em pós-produção. Durante a fase de produção tentamos equilibrar as imagens em termos de tons, saturação, nitidez e contraste, tornando assim o processo de correcção de cor mais eficaz e linear, evitando também o desgaste da imagem.

Recorremos essencialmente às ferramentas de 'Fast Color Correction' e 'Brightness and Contrast', através do programa Adobe Premiere CS5. Nesta fase, foi possível corrigir 'Input Levels', 'Output Levels', 'Saturation', e 'Color Balance'.

⁷⁹ Grodal, T. (1999). *Moving Pictures: A New Theory of Film Genres, Feelings, and Cognition*. Oxford, Estados Unidos da América: Oxford University Press.

4.3.3. Som

Ao longo da produção do projecto descobrimos que o som desempenha um papel fundamental na globalidade do documentário. Apesar de ser convencionalmente colocado em segundo plano de prioridades, logo após a imagem, o som conecta cenas e acrescenta realismo ao que queremos transmitir. Tudo depende do tipo de situação que estamos a testemunhar, e apesar de haver sempre o maior interesse em capturar o som do momento, muitas vezes não foi possível o fazer. Para isso, foi necessário deslocar-se outras vezes aos locais de gravação de imagem e captar som ambiente e gravar sons específicos. De certa forma, recriamos algumas das situações, assimilando à imagem captada anteriormente. Assim, foi possível criar uma biblioteca sonora que preenche e dá mais vida ao projecto final. Tal como defende Tames (2003)⁸⁰, o som transmite emoção e a imagem transmite informação, mas ambos devem estar conectados.

Na maioria das situações de gravação de som à posteriori, encontramos ambientes exteriores em que não existe qualquer tipo de controlo por parte da realização. Em alguns locais de floresta onde filmamos com Paulo, não era possível gravar som ambiente puro, devido ao excesso de ruído dos carros na estrada ou da fábrica de reciclagem, perto da zona das Quatro Estradas. Para isso, tivemos que entrar na floresta mais densa e gravar som mais puro, que se aproxima mais facilmente do objectivo pretendido. Em ambiente controlado, tivemos a possibilidade de recriar os sons das ferramentas e o som da entrevista. Nesses ambientes, foi necessário fazer uma pausa e ouvir o que nos rodeia e tentar eliminar os ruídos indesejados, como o ar-condicionado, as ventoinhas ou até mesmo as luzes. Além de ouvir, é preciso também tempo e paciência para termos captar o *timing* certo. Fizemos algumas gravações de áudio durante o processo de captação de imagem, mas os tempos eram curtos demais para efectuar transições lógicas entre cenas.

Não podemos desassociar o som ou a imagem um do outro neste projecto. O som, tal como refere Penafria (2003)⁸¹, pode dividir-se em diferentes tipos: ambiente, diálogos, música, locução (*voz off*), ruídos. Assim, a conjugação do som, e todas as suas categorias, com a imagem, permite uma experiência cinematográfica muito mais significativa, apelando à emoção, sensação mas também razão. Ainda em relação aos sons que fazem parte deste projecto, notamos que todos eles

⁸⁰ Kino-Eye, *Sound for Documentary*, consultado em (14 de 12 de 2013) [<http://kino-eye.com/2013/03/04/sound-for-documentary-part-1/>]

⁸¹ Penafria, M. (2003). Ouvir imagens e ver sons. Universidade da Beira Interior.

desempenham um papel fundamental na narrativa e que a *voz-off* do personagem dirige-se à imagem que o espectador desenvolve na sua imaginação. É essa combinação e essa harmonia que conta a história e assim alcança o objectivo pretendido.

Chegamos à conclusão que apesar de tentarmos recriar situações da vida de Paulo, é um verdadeiro desafio conseguir capturar imagem e som com boa qualidade dependendo apenas de um operador.

Conclusão

Toda a gente gosta de ouvir histórias de jovens de origens humildes que dão lições de vida porque superaram dificuldades para serem campeões. Saber que iniciaram os seus percursos de vida sem perspectivas e construíram uma carreira desportiva é motivo de inspiração para todos.

Formulamos como hipótese que jovens de origens humildes podem resultar em melhores atletas porque vêem o desporto como uma forma de satisfação de prestígio, ascensão e necessidades sociais. Os seus talentos desportivos são o trampolim para ajudar a mudar o rumo das suas vidas. Nesse sentido, este trabalho foi suscitado pelo interesse em perceber que situações que condicionam ou não o aparecimento de campeões desportivos.

Com base na análise dos dados obtidos em obras de diversos autores, entrevistas realizadas a pessoas amigas, familiares, simples conhecidos, atletas e o próprio protagonista procedemos ao tratamento da informação recolhida que nos permitiu concluir que efectivamente há muitos factores que podem fazer toda a diferença no percurso de vida de uma pessoa: origem familiar, nacionalidade, cultura, formação académica, experiências de vida, dificuldades económicas, sociais, geográficas, políticas, ambientais, aspectos físicos como estrutura óssea, desenvolvimento motor e factores psicológicos. Mas por outro lado essas mesmas limitações ou obstáculos podem funcionar como motivações para esses jovens almejarem algo melhor e agarrarem todas as oportunidades que a vida oferece e assim escolherem o caminho para o sucesso. Nesses jovens a capacidade de ultrapassar o sofrimento e gerir a frustração está presente bem cedo. O seu instinto de sobrevivência social e a sua motivação ajudam a lidarem melhor com o stress, a desenvolver competências que permitem destacar-se de outros. De todas as pessoas no mundo, estes jovens atletas parecem entender o conceito de motivação melhor que ninguém. Existe uma razão para isso. É que todas as manhãs levantam-se com um objectivo: de baterem os seus próprios recordes. As condições de vida podem influenciar a vida de um jovem mas não há dúvida de que um campeão tem de treinar muito para o ser.

O nosso estudo também constatou que jovens campeões de origens muito modestas valorizam princípios e valores fundamentais ao sucesso: não desprezam a família, confiam nas suas capacidades, transformam fraquezas em força, definem objectivos e sacrificam-se por eles, procuram sempre melhorias, alimentam-se da pressão inerente à competição, transformam a actividade desportiva numa paixão e principalmente, recusam-se a aceitar que o berço limita o destino. Por isso estes

atletas excepcionais geram emoções, movem multidões, são exemplos para outros, transmitem mensagens de perseverança, espírito de sacrifício e resistência. Tudo isto é visível na vida do jovem que abordamos no nosso documentário, Paulo Batista. Assim podemos afirmar que os objectivos deste estudo foram alcançados uma vez que aprofundamos a compreensão das motivações e os contextos sociais, económicos e culturais que estão na origem do sucesso desportivo do Paulo.

Como recomendações para trabalhos futuros dentro desta área, seria conveniente a diversificação do universo de análise a outros atletas desta e de outras modalidades, a fim de se poder obter informação susceptível de generalização. Apesar da existência de vasta bibliografia tornou-se um desafio trabalhar a temática em causa, porque está ainda por definir muitos aspectos à volta do desporto e de tudo o que esta actividade envolve.

O melhor documentário é aquele que nos faz reflectir, pensar, relacionar com assuntos sociais, políticos e pessoais. Busca a razão de sermos como somos. Procura soluções para problemas reais do nosso dia-a-dia. O documentário pode indicar o caminho, mas ao contrário dos filmes de ficção, o estilo documental pode simplesmente deixar a questão em aberto. Um ponto de interrogação no final. Uma interpretação solta, que depende apenas e só das vivências e experiências pessoais. Um ponto de vista único e que não será igual ao idealizado pelo realizador. Nunca poderá ser. É a combinação de som e imagem, estruturada com a magia da montagem, impondo ou tirando ritmo conforme o interesse do realizador. Este agregado de sons e imagens trazem-nos velhas memórias e tornam tudo bem real. Pegamos nas nossas experiências e fazemos a nossa interpretação. O documentário adapta-se a cada um das mais diferentes maneiras.

Sob a direcção do orientador Jorge Campos foi possível aplicar os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo do mestrado, obter competências profissionais específicas e ferramentas essenciais indispensáveis a qualquer profissional competente de forma a ultrapassar obstáculos e desafios que encontraremos num futuro próximo. O trabalho obrigou a diferentes momentos de planeamento, estruturação e concretização de um projecto desta natureza. Muitos foram os passos necessários para a sua total realização, vários os seus intervenientes e muitas as dificuldades e ajustes necessários à sua viabilidade.

A realização deste trabalho revelou-se uma verdadeira oportunidade de aprendizagem prática necessária a uma futura área profissional e a novos desafios académicos.

Bibliografia

Livros

- Almeida, M. F. (1982). **Cinema Documental, História, Estética e Técnica Cinematográfica**. Porto: Edições Afrontamento.
- Ang, T. (2005). **Manual de Vídeo Digital**. Porto: Civilização, Editores, Lda.
- Barnouw, E. (1996). **El Documental - Historia y estilo**. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Barsam, R. (1992) **Non-Fiction Film, a Critical History**. Indiana University Press, Bloomington and Indianapolis.
- Bresson, R. (2000). **Notas sobre Cinematógrafo**. Porto: Porto Editora.
- Corner, J. (1996) **The art of record – a critical introduction to documentary**. Manchester: Manchester University Press.
- Cousins, M. & MacDonald, K. (2006) **Imagining Reality**. Londres: Faber and Faber.
- DAI, ESMAE - IPP. (2010). **Projecto 10**. Porto: ESMAE - IPP.
- Greendorfer, S. &. (1991). **Learning Experiences in Sociology of Sport**. Champaign: Human Kintetics.
- Jacobs, L. (1979) **The Documentary Tradition**. London: W. W. Norton & Company
- Lança, R. (2003). **Animação Desportiva e Tempos Livres - Perspectivas de Organização**. Lisboa: Editorial Caminho.
- Le Breton, A. (1980). **Passion du Risque**. Paris: Éditions Métailié.
- Mariovet, S. (2002). **Aspectos Sociológicos do Desporto** (Segunda Edição ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Mariovet, S. (2001). **Hábitos Desportivos da População Portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos do Desporto.
- Marivoet, S. (1994). **Hábitos Desportivos: Valores Sócio-Culturais em Mudança**. (A. d. Lazer, Ed.) Lisboa: Edições do Instituto de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Marner, T. (2007). **A Realização Cinematográfica** (2ª Edição ed.). Lisboa: Edições 70.
- McGrath, J. (2005). **Wide Open: A Life in Supercross**. HarperCollins.
- Nichols, B. (1997) **La representación de la realidad - Cuestiones y conceptos sobre el documental**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica

- Nichols, B. (2010). **Introduction to Documentary**. Indiana University Press.
- Penafria, M. (2011). **Tradição e reflexões: contributo para a teoria e estética do documentário**. Covilhã: Livros LabCom.
- Pires, G. (1994). **A Aventura Desportiva: o Desporto para o III Milénio** (Edições do Instituto das Ciências Sociais da Universidade de Lisboa ed.). (A. d. Lazer, Ed.) Lisboa.
- Quintal, R. (1994). **Veredas e Levadas da Madeira** (Secretaria Regional da Educação ed.). Funchal: Imprensa Regional da Madeira, E.P.
- Santos, F. (1989). **História Lúdico-Desportiva da Madeira**. Funchal: Secretaria Regional da Educação, Juventude e Emprego.
- Seleccções do Reader's Digest. (1990). **ABC da Mente Humana**. Lisboa: Seleccções do Reader's Digest, SA.
- Silva, P. F., & Menezes, C. A. (1984). **Elucidário Madeirense: Clima**. Funchal: DRAC.

Revistas

- Bento, J. (1990). "A socialização e desporto". **Revista Horizonte**, 6, pp. 28-37.
- Castro, Z. (23, 6, 2013). "Perito recomenda entrega de diploma Europeu às Desertas". **Diário de Notícias**. Funchal.
- Lopes, P. (30, 5, 2012). "Paulo Batista e Rui Sousa travam duelo no Downhill". **Diário de Notícias**. Funchal.
- Lopes, P. (8, 4, 2014). "Paulo Batista no topo do cross-country". **Diário de Notícias**. Funchal.
- Fonseca, M. (9, 2005). "Festa de Fim-de-Ano". **Bike Magazine Portugal**, 102, pp. 84-85.
- Ronaud, C. (12, 11, 2013). "O documentário deve oferecer ao espectador o prazer do cinema". **Público**, 32-33.
- Silva, A. (4, 2006). "O grande passo". **Bike Magazine Portugal**, 109, pp. 96-99.
- Sousa, V. (30 5, 2012). "Paulo Batista vence nas Quatro Estradas". **Jornal da Madeira**.
- Sousa, V. (25, 2, 2014). "Paulo Batista venceu prova de Cross Country no Cabo Girão". **Jornal da Madeira**.

Sousa, V. (9, 4, 2014). "Paulo Batista mais perto do título em BTT". **Jornal da Madeira**.

Visão. (7, 1, 2014). "Eusébio, a infância, a carreira, a lenda". **Visão**.

Filmes

Carroll, B. (Realizador). (2013). *Why We Ride*.

Ferrari, P. (Realizador). (2008). *Capturing Reality*.

Flaherty, R. J. (Realizador). (1922). *Nanook Of the North*.

Frankowski, D. (Realizador). (2010). *Life Cycles*.

James, S. (Realizador). (1994). *Hoop Dreams*.

Johnstone, T.C. (Realizador). (2012). *Rising from Ashes*.

Porter, C. & Lawlor, J. (Realizadores). (2013). *Won't Back Down: Steve Peat Story*.

Vertov, D. (Realizador). (1929). *The Man with the Movie Camera*.

Walton, B. (Realizador). (2012). *In Good Company*.

Documentos Electrónicos

Altman, R. (1992). In *Sound Theory/Sound Practice*. (C. a. Routledge, Ed.) New York, Estados Unidos da América.

Costa, A. d. (2010). *Desporto e análise social*. Portugal.

Favale, D. (2013, 2 14). Bleacher Report: [<http://bleacherreport.com/articles/1529861-michael-jordans-unofficial-guide-to-success-in-the-nba>].

Glover, K. L. (2009). *Connections: Making sense of the world around us. The use of music in documentary filmes*. Montana, Estados Unidos da América.

Goodrich, J. (2011, 1 25). *Adventure Journal*. [<http://www.adventure-journal.com/2011/01/the-cyclist-behind-life-cycles-an-interview-with-director-derek-frankowski/>].

Gorgon, A. (2008). *Advantages and disadvantages of pair work and group work*.

Grodal, T. (1999). *Moving Pictures: A New Theory of Film Genres, Feelings, and Cognition*. Oxford, Estados Unidos da América: Oxford University Press.

- King, K. (2013). 'We don't enjoy nature like that'. *Youth identity and lifestyle in the countryside*. (J. o. Studies, Ed.) Reino Unido: University of Brighton.
- King, K. (2010). Lifestyle, identity and young people's experiences of mountain biking. Reino Unido.
- Lawlor, J. Won't Back Down Film. [<http://www.wontbackdownfilm.com/>].
- Lee, H., Martin, D., Anson, J., Grundy, D., & Hahn, A. (2002). Physiological characteristics of successful mountain bikers and professional road cyclists. Australia: Journal of Sports Sciences.
- Neto, C. (1997). Mudanças Sociais, Desporto e Desenvolvimento Humano. Lisboa, Portugal: Faculdade de Motricidade Humana Universidade Técnica de Lisboa.
- Nunes, P. (2010). Desporto, Turismo e Ambiente. Lisboa, Portugal: Faculdade de Motricidade Humana Universidade Técnica de Lisboa.
- Penafria, M. (1998). Unidade e diversidade do filme documentário. Universidade da Beira Interior.
- Penafria, M. (1999). Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo. Universidade da Beira Interior.
- Penafria, M. (1999). O filme documentário em suporte digital. Universidade da Beira Interior.
- Penafria, M. (2003). Ouvir imagens e ver sons. Universidade da Beira Interior.
- Penafria, M. (2004). O Documentarismo no Cinema. Universidade da Beira Interior.
- Scheck, F. (2013, 7 31). Hollywood Reporter. [<http://www.hollywoodreporter.com/review/rising-ashes-film-review-597105>].
- Secco, S. (2013, 11 2013). Pinkbike. [<http://www.pinkbike.com/news/Interview-Wont-Back-Down-The-Filmmakers-2013.html>].
- Soares, P. M. (2007). Influência da ideia de sucesso na prática desportiva dos jovens. Coimbra, Portugal.

Músicas

- Jørgensen, Lasse. "Life Changing Moments" **The Intuition**. (2011). Copenhagen, Denmark. [<https://soundcloud.com/theintuition/life-changing-moments>].
- Holmes, Scott. "Green Fields" **Scott Holmes** (2014). Scotland. [<https://soundcloud.com/scott-holmes/scott-holmes-green-fields>].
- O'Neill, Ben. "U" **Ozzie** (2013). Brighton, United Kingdom. [<https://soundcloud.com/ozziemusic/ozzie-u>].

Anexos

- 1. Produção - Emanuel Pombo**
- 2. Produção - Pedro Silva**
- 3. Cronograma**
- 4. Orçamento**
- 5. Primeira Entrevista - Paulo Batista**
- 6. Segunda Entrevista - Paulo Batista**
- 7. Transcrição - Paulo Batista**
- 8. Currículo Desportivo Paulo Batista**
- 9. Autorização Paulo Batista**
- 10. Autorizações Músicas**
- 11. Projecto Patrocinadores**
- 12. Patrocínios Oficiais**

1. Produção - Emanuel Pombo

O caso do atleta internacional Emanuel Pombo, foi sem dúvida mais desafiante. O Emanuel está presente no campeonato regional, nacional e mundial de Downhill, o que apresentou algumas barreiras físicas para a realização do projecto. Conseguimos agendar em Maio dois dias de filmagens, deixando pendente as futuras datas para conclusão. Sempre soubemos que seria um enorme desafio a marcação de horas de gravações, devido aos compromissos profissionais e pessoais do atleta madeirense. Ao contrário das filmagens com Paulo Batista, o ritmo das gravações iniciais foram muito mais intensas e compactas.



Figura Anexos 1 - Habitação Emanuel Pombo

Dormimos na casa do Emanuel e conhecemos ainda melhor o espaço que o rodeia, o que tornou mais fácil entender o porquê de deslocar-se à Madeira e fazer uma pausa nas competições nacionais e internacionais. Esta aproximação aos atletas torna-se uma vantagem para conseguir perceber os detalhes das suas carreiras. A casa onde residimos durante dois dias continua a ser o local onde Emanuel nasceu e passou toda a sua vida. Foi naquela zona rural que aprendeu a dar as primeiras pedaladas, a conhecer os seus próprios limites e a criar verdadeiras amizades. Assim, trabalhar naquele local torna-se inspirador para a produção mas também para o atleta, que lembra com saudade como tudo começou. A interacção com os idosos e crianças da sua zona, levou-nos a compreender com maior profundidade a dimensão do atleta, considerado como um ídolo para muitos jovens. O "menino que saiu da Ponta do Pargo", consegue mover multidões e mostrar que com força de vontade tudo é possível.

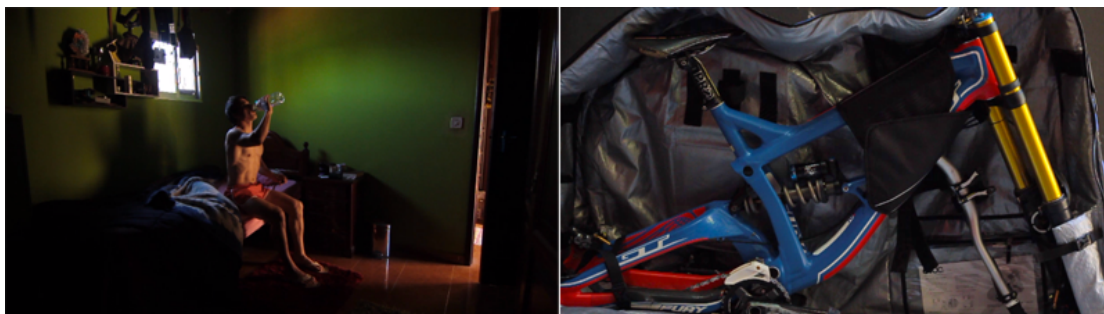


Figura Anexos 2 - Emanuel Pombo - Rotina Matinal

Tal como mencionado no pré-projecto, acompanhamos a rotina diária do Emanuel: o despertar, pequeno-almoço, a montagem da bicicleta após regresso a casa, o treino de ciclismo de estrada, o treino de ginásio, o ambiente que o rodeia, as descidas de downhill na sua pista e a entrevista.

Neste processo de dois dias foi difícil realizar as imagens como tínhamos imaginado, mas demos, em conjunto, o nosso melhor. Infelizmente as filmagens foram em dias de imenso calor, o que tornou o nosso desempenho esgotante. O Emanuel também encontrava-se numa fase de relaxamento e preparava-se para os desafios mais importantes da sua época desportiva. Esses compromissos foram em território continental, para as provas da Taça de Portugal e posteriormente iniciando a sua digressão pela Europa, passando pelo Reino Unido, Suíça, França e Itália.

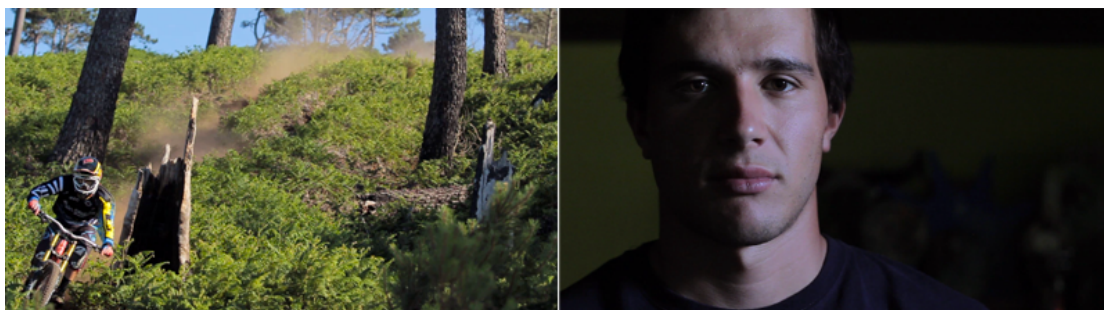


Figura Anexos 3 - Emanuel Pombo - Treino e Entrevista

Devido ao pouco tempo que tínhamos disponível, tentamos criar um retrato visual e sonoro do espaço onde Emanuel cresceu. Este retrato visual e sonoro tem o objectivo de transportar-nos para a sua realidade. As vacas a mugir, o vento que sopra nas árvores, os cães que ladram sem parar e os galos que acordam-nos bem cedo. É uma zona que vive essencialmente do turismo e da agricultura, ainda muito isolada da capital, Funchal.

Durante o processo da entrevista, tornou-se evidente que Emanuel ainda não consegue acreditar na sua sorte. Apesar de mencionar sempre que soube "agarrar

as oportunidades" e nunca as largar, Emanuel admite que se não fosse o BTT, teria emigrado para a Escócia. Foi este sonho que prendeu-o à terra onde nasceu.



Figura Anexos 4 - Ponta do Pargo

Como mencionado na descrição do processo de trabalho do atleta Paulo Batista, tentamos não interferir em demasia nos treinos de Emanuel, o que devido à escassez de tempo tornou mais difícil capturar as imagens como tínhamos planeado. Entre o treino de ginásio ao treino de ciclismo de estrada, foi possível captar algumas imagens mas insuficientes para completar o objectivo.



Figura Anexos 5 - Emanuel Pombo - Treinos

Algumas das imagens do ciclismo de estrada não resultaram como esperávamos, pois a estrada onde Emanuel treina habitualmente encontra-se em más condições. Tentamos utilizar uma steady-cam para estabilizar a imagem, mas tornava-se impossível pois o trabalho individual está necessariamente associado ao controlo de foco, velocidade de obturação, abertura e ainda o equilíbrio na carrinha do Emanuel. Tornou-se um desafio contornar esta dificuldade, pois tivemos que excluir de imediato as imagens em movimento e centrar-se em planos estáticos.

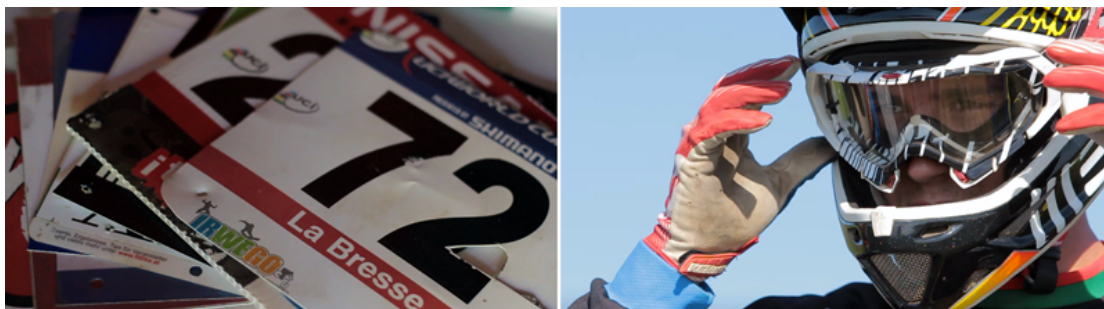


Figura Anexos 6 - Emanuel Pombo - Memórias

Durante as reuniões, telefonemas e descanso do Emanuel, percorremos a sua casa em busca de memórias. Conseguimos encontrar números de provas antigos, bilhetes de avião, cartões de federação, fotografias, troféus e recortes de diários. Tudo isto serviu de referência para construção da sua vida, mas também como suporte visual. Permitiu-nos também compreender o nível de excelência que este atleta atingiu em termos regionais, nacionais e internacionais.

Depois de todo este trabalho de recolha de imagens, foi necessário abandonar a ideia inicial do projecto. O Emanuel não conseguiu cumprir o calendário agendado e tornou-se impossível voltar à Região a tempo de finalizar o compromisso.

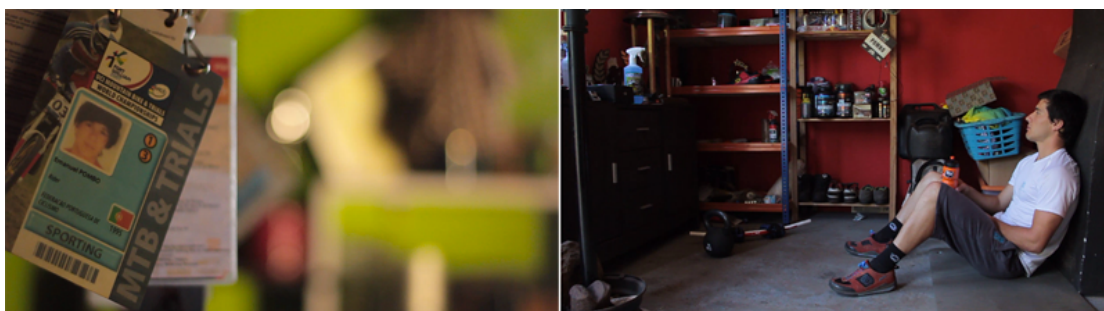


Figura Anexos 7 - Emanuel Pombo - Memórias e Treino

2. Produção - Pedro Silva

O Pedro Silva compete também no campeonato regional, nacional e mundial de Downhill. Tal como as gravações com Paulo Batista e Emanuel Pombo, dividimos as gravações em vários dias. Apesar das dores no ombro, Pedro continuou por mostrar a razão pela qual faz parte desta elite de atletas. Sobrepôs os objectivos de carreira à dor física e psicológica.

Iniciamos as gravações na casa onde Pedro habita actualmente. Depois de dez anos a residir no local que tínhamos realizado a 'reperage' para o projecto, a família mudou-se para um espaço mais pequeno, na mesma zona de residência da antiga casa. O local é completamente diferente do anterior e tivemos que esquecer algumas imagens planeadas anteriormente.



Figura Anexos 8 - Habitação Pedro Silva

Mais uma vez, e tal como nos exemplos mencionados anteriormente, achamos importante mostrar o ambiente que o rodeia. A sua relação com os dois cães tornou-se uma verdadeira surpresa, naturalmente mostrando momentos de afecto. A mãe de Pedro lembrou que os dois cães "são a companhia nos bons e nos maus momentos".

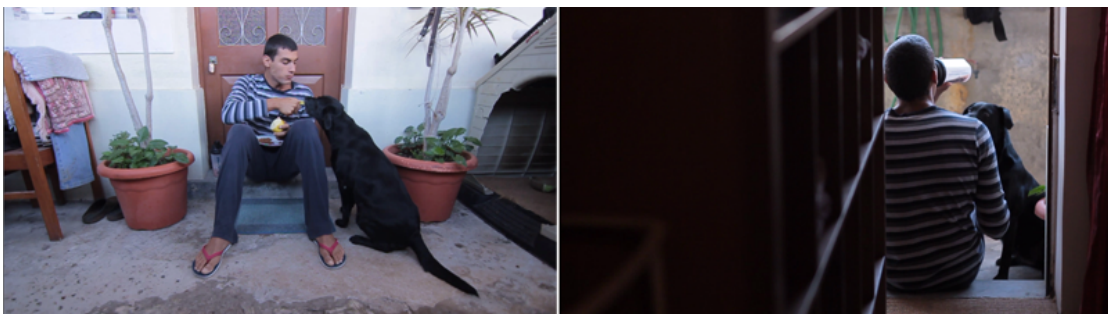


Figura Anexos 9 - Pedro Silva - Rotinas

Tentamos de seguida passar à acção, com maior incidência nos ritmos de treino no ginásio. Apesar de termos visitado o Ginásio dos Salesianos antes das gravações, voltamos a encontrar dificuldades de espaço e luz. Realizamos estas gravações de

madrugada de modo a incomodar menos pessoas e o Pedro cumpriu os treinos habituais, com menos intensidade nos movimentos com o braço esquerdo. Conseguimos contornar este problema com a utilização de outros pesos e enquadramentos mais fechados. Outra situação que desafiou as gravações foi a quantidade de espelhos no espaço onde o Pedro treina, que por vezes funcionaram de forma vantajosa mas por outras vezes bloquearam perspectivas.



Figura Anexos 10 - Pedro Silva - Treino Ginásio

Outra das rotinas do Pedro é o treino de corrida. O cenário da Praia Formosa foi escolhido em conjunto com a produção e o atleta. Tal como o treino habitual, realizamos as gravações entre as 8:00h e as 10:00h.



Figura Anexos 11 - Pedro Silva - Treino Corrida

Resolvemos continuar a seguir o treino do Pedro Silva, agora num dos seus treinos favoritos. Apesar da baixa forma devido às lesões, conseguimos realizar as gravações na zona das Quatro Estradas, tal como tínhamos definido anteriormente. Este local de treino do Pedro é em ambiente de floresta Laurissilva, com árvores de grande envergadura e estradas longas tendo em conta a dimensão da região. É também conhecida por ser um dos locais de treino mais desafiantes para o Pedro e para outros atletas pela inclinação da estrada. O Pedro, mais uma vez, esforçou-se ao limite para conseguir realizar as gravações.

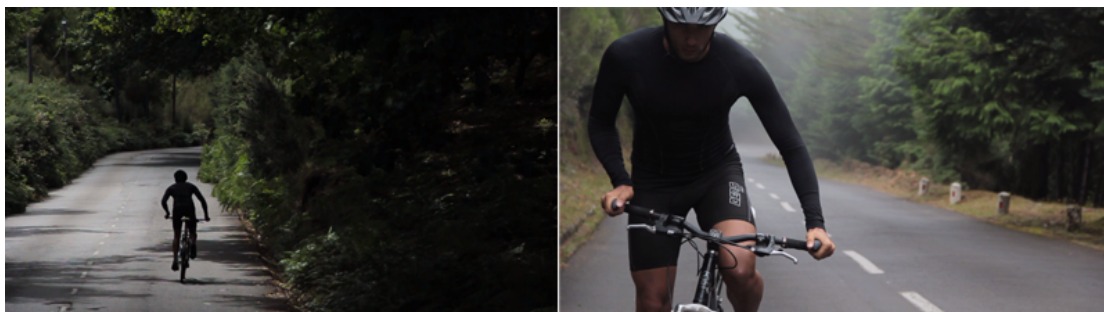


Figura Anexos 12 - Pedro Silva - Treino Estrada

As secções de maior esforço para o Pedro foi precisamente na prática da modalidade que pratica há oito anos. O Downhill exige uma força física enorme mas também uma enorme flexibilidade. Condicionado pelo ombro esquerdo, o Pedro não conseguiu estar ao ritmo ideal para as gravações. Fizemos algumas idas aos trilhos com o objectivo de perceber qual era o trilho que o Pedro teria menos dificuldades e menos dores durante as gravações. Concluimos imediatamente que seria necessário encontrar um meio termo de intensidade de gravações. O Pedro apresentou enormes dificuldades físicas durante este processo, o que nos fez repensar a sua secção e até o projecto.



Figura Anexos 13 - Pedro Silva - Treino Downhill

Depois de algumas tentativas conseguimos extrair quase o máximo do atleta. Neste processo, acabamos por visitar três trilhos distintos da região: Montado do Pereiro, Cabo Girão e Quatro Estradas. Todos com terrenos distintos, inclinações e cenários diferentes. O maior desafio com o Pedro esteve directamente relacionado com as lesões que foi sujeito no início do ano 2014. Antes de ser operado ao ombro devido a uma queda no campeonato da Escócia, tomou em consideração as gravações do documentário, escolhendo ser operado apenas em Setembro. Iniciamos as gravações em Junho com o Pedro e após muitas paragens forçadas, foi necessário tomar uma decisão ingrata para o projecto mas vital para a saúde do atleta. A condicionante física do Pedro piorou ao longo do mês de Julho, tornando impossível as gravações agendadas.

3. Orçamento

Pré-Produção

Item	Descrição	Valor
1	Deslocações Aéreas	176,00€
2	Deslocações Terrestres	35,00€
3	Consumíveis	10,00€
4	Impressões	28,00€
5	Alojamento	25,00€

Produção

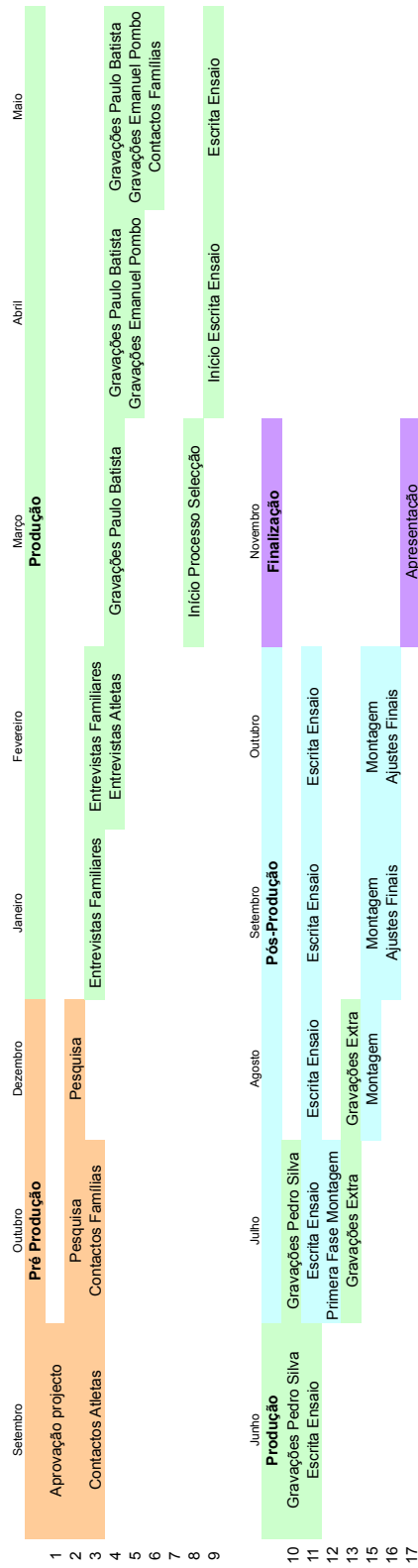
Item	Descrição	Valor
1	Deslocações Aéreas	223,00€
2	Deslocações Terrestres	85,00€
3	Consumíveis	15,00€
4	Despesas Extra	35,00€
5	Alojamento	52,00€
6	Material	170,00€

Pós-Produção

Item	Descrição	Valor
1	Deslocações Aéreas	150,00€
2	Deslocações Terrestres	22,00€
3	Impressão	110,00€
4	Despesas Extra	26,00€
5	Alojamento	25,00€

Total
1 187,00€

4. Cronograma



5. Primeira Entrevista - Paulo Batista

Tinha uma vereda ao pé da minha casa que nós cronometrávamos os tempos com um relógio em baixo e outro em cima. Mais tarde comecei a andar de bicicleta em distâncias mais longas. Tínhamos mochilas cheias de ferramenta. No fundo, fui crescendo um pedaço com as bicicletas todo o terreno. Íamos ver uma prova de motocross e quando regressávamos a casa já íamos para levada tirar tempos.

A minha primeira bicicleta não foi comprada por mim. Foi oferecida pelo meu tio. Era uma bicicleta de montanha roda 26', sem suspensão. Depois aí é que percebi que o Downhill tinha todo o sentido. Já se começou a fazer saltos e a andar em pistas, já íamos ao fim-de-semana construir e aí começou um pedaço o que é o Downhill hoje em dia. Depois tive uma bicicleta de supermercado, com suspensão total, aí já comecei a ir para as pistas do Montado e da Choupana. Entretanto comecei a trabalhar, foi a fase que saí da escola e comecei a trabalhar nas férias para juntar algum dinheiro. Não era suficiente. Fui trabalhar ao Sábado durante o período escolar e aí juntei dinheiro para a minha primeira bicicleta. Na altura foi uma bicicleta de segunda mão, como não tinha possibilidades de comprar uma bicicleta boa. No fundo foi o dinheiro que eu juntei e era o dinheiro que eu tinha. Lembro-me que cheguei à antiga Bike Zone e disse ao Joselino: 'Tenho 700€ para gastar, não tenho mais dinheiro e queria que montasses uma bicicleta com este dinheiro'. Ele na altura ficou a olhar para mim a perguntar se não podia comprar uma modelo acima. Disse-lhe que aquele era o dinheiro que tinha juntado no Verão e é o dinheiro que tenho para comprar esta bicicleta. Ele lá conseguiu montar uma Big Hit com algumas peças usadas. Lembro-me de ir levantar a bicicleta num Sábado e foi uma sensação brutal. Ter uma bicicleta só tua, com suspensão dupla coroa foi brutal.

Na altura não tinha a noção do que era o desporto em si, o downhill e onde poderia chegar. Acima de tudo eu gostava de andar de bicicleta. Juntei-me a um grupo como todos e tive a experiência de fazer a primeira prova e só aí percebi que tinha jeito para as bicicletas. Uma coisa é andares na tua zona com os teus amigos e seres um pouco melhor do que eles. Mas isso é relativo pois é um meio pequeno e qualquer pessoa consegue se destacar. Realmente percebi que as bicicletas tinham imenso sentido quando entrei numa prova de Downhill. Foi uma prova da Taça da Madeira na Choupana em 2005, com uma bicicleta que tinha travões mecânicos e fiz quinto á geral. Realmente aí percebi que tinha algum jeito e que era altura de não desistir. Depois foi gradual. Adquiri uma bicicleta melhor.

Acho que desde que comecei nas bicicletas, sempre fui um miúdo muito independente, nunca gostei muito de depender de ninguém. Sempre foi a minha educação. Nunca gostava de estar muito parado, sempre fui muito despachado. Quando comecei a entrar nas bicicletas, comecei a perceber que realmente isto era o que eu queria fazer e dediquei-me um pouco. No fundo, isto tudo é dedicação. O que tenho conseguido até hoje tem sido por mérito próprio. Não é ser mais ou menos orgulhoso mas acho que é uma forma de crescer um pouco na vida. Sempre fui habituado a trabalhar para as minhas coisas, nunca gostei de depender da minha mãe pois o meu pai também faleceu novo e a minha mãe tinha que suportar as despesas de casa, não ia dar-lhe mais uma despesa sem necessidade pois ela realmente não tinha condições para me dar uma bicicleta e eu sabia que se quisesse uma bicicleta não podia lhe pedir, que era injusto da minha parte. Eu acho que é importante lutar por aquilo que acreditamos. Eu acreditei que podia ter uma bicicleta, trabalhei três meses, não saía para lado nenhum só para ter dinheiro para ter uma bicicleta. Acho que a minha vida define-se um pouco nisso. O que eu quero eu defino um objectivo, custe o que custar eu tenho que chegar, não importa como for. Eu tenho muita capacidade para trabalhar, não me importo de trabalhar onde for. Acho que para chegar onde cheguei hoje em dia foi um pouco por mérito próprio, tenho pessoas que me ajudaram mas fui crescendo por mim próprio. Desisti da escola no diurno, fui estudar à noite, continuei sempre a trabalhar, fazia 'n' coisas seguidas, continuei sempre a andar de bicicleta. Acho que tem sido um percurso, tenho conquistado o que alcancei até agora pouco a pouco, são fases. Consegui chegar mais para a frente e nível profissional, consegui trabalhar no que realmente gostava pois trabalhava numa área completamente diferente das bicicletas, trabalhava numa serralharia. Na altura fui convidado para vir trabalhar numa loja de bicicletas, vim ganhar menos ordenado do que ganhava mas vim fazer uma coisa que gostava e isso reflecte-se no que sou hoje em dia. Gosto da competição, gosto das bicicletas e as bicicletas são a minha paixão.

Lembro-me perfeitamente. Lá na minha casa tínhamos uma garagem que era só para as bicicletas, tinha um quarto que os meus pais não precisavam, então nós fazíamos aquilo a nossa linha de montagem. Nós juntávamo-nos ao fim-de-semana, não havia muito dinheiro. Guardávamos dinheiro e íamos comprar câmaras de ar ao Senhor Ferreira e andávamos uma hora a pé. Comprávamos três câmaras de ar pois já sabíamos que íamos furar. Íamos para casa e voltávamos a montar. Lembro-me perfeitamente tantas vezes de rebentar os pneus e não tínhamos dinheiro para pneus, metíamos várias câmaras de ar dentro, amarrávamos com arame para poder

andar no fim-de-semana. Também lembro-me perfeitamente quando comecei a ir para a serra, a bicicleta não tinha condições e partia as rodas tantas vezes e pedia ao meu vizinho para desempenar as rodas e em compensação ia lá muitas vezes ajudar. Ele tinha uma garagem de motas. Ele nunca queria levar-me dinheiro mas sentia-me na obrigação. Na altura se rebentasse uma roda tinha que esperar duas semanas para arranjar. A minha mãe dava-me cinquenta escudos e eu guardava o dinheiro para poder andar no fim-de-semana.

Todo o dinheiro que eu recebia era sempre para usar nas bicicletas. Não ia para lado nenhum para guardar o dinheiro para quando fosse preciso. Lembro-me perfeitamente que uma vizinha minha que é tia da minha mãe, tinha vacas e ela precisava que fosse acartar molhos de erva e dava cinquenta escudos. Nunca fui um miúdo que gostasse de jogar à bola ou desportos de equipa, e guardava o dinheiro que podia para usar nas bicicletas.

Eu sou uma pessoa ambiciosa e tento sempre melhorar em tudo, seja no aspecto profissional, seja nas bicicletas. Acho que é pouco já de mim. Eu aprendi a lutar e acho que para se conseguir ter alguma coisa na vida é preciso lutar. Eu para treinar para uma competição ou para uma época eu defino um objectivo e se eu quiser mesmo ganhar é preciso fazer sacrifícios. Custa a toda a gente levantar-se às 6:30 da manhã, estar -1º grau ou 5 graus, a minha casa é extremamente fria, tantas vezes ir buscar o equipamento e querer voltar para a cama. O sonho comanda a vida e o que eu penso é que se hoje eu for treinar, sei que daqui a um mês ou um ano eu vou conseguir. É sempre uma motivação que não é fácil aguentar um ano no mesmo ritmo. Há alturas que se vai abaixo e aí temos que procurar maior motivação. No fundo é fazer aquilo que se gosta mas com moderação pois acho que também o que é demais chega a um limite que tu não consegues controlar. Acho que temos que ter muito cuidado para quem compete que é conseguir manter equilibrado o ano todo. É muito difícil gerir isso pois depois há os problemas pessoais, profissionais e eu acho que temos que nos abstrair um pouco disso para ter algum resultado. Lembro-me perfeitamente de muitos anos em que trabalhei, estudei e competi. Levantava-me às seis da manhã, ia treinar, sete horas estava pronto para trabalhar, durante quatro anos. Estudei cinco anos á noite. Ia para a escola de bicicleta. Chegava a casa do trabalho, mudava a mochila e ia para a escola. Saía da escola à meia noite e voltava para casa, sempre de bicicleta. Estivesse chuva, sol, frio, tinha que ir para casa pois era o meu meio de transporte.

Eu acho que sempre pus as bicicletas á frente de tudo. Acho que em tudo na vida tem sido um pouco assim. Não é que não goste de um carro bom, mas acho que o carro tem a função de transporte e para mim acho que isso chega. Gosto muito do meu carro, é velho, custou-me 500€, acho que hoje em dia dado ninguém o quer, mas não interessa. O carro está a trabalhar, faz o seu papel. Agora que tenho estabilidade financeira, tenho aproveitado para andar de bicicleta noutros sítios e isso tem sido das grandes experiências nos últimos anos.

Eu acho que as bicicletas têm uma coisa que em poucos desportos conseguimos ter isso que é as bicicletas têm uma união de grupos e pessoas. Acho que há um ambiente muito bom nas bicicletas. Um ambiente de inter-ajuda. Conhece-se muita gente, conheci grandes pessoas nas bicicletas. Acho que as pessoas que conheci nas bicicletas são os meus verdadeiros amigos. Já tive oportunidade de conhecer sítios de bicicleta que de outra forma não iria conhecer. Acho que se tivesse que voltar atrás não mudava nada. A bicicleta ajudou-me a conhecer vários sítios no país e fora do país, e acho que acima de tudo crescemos como pessoa. Somos no fundo obrigados a fazer um estilo de vida conforme as bicicletas. Se quiseres andar bem andar nos copos, saídas com os amigos, tudo é importante. A missão das bicicletas tem um pouco isso. Para andares no fim-de-semana, se saíres na sexta não vais conseguir andar bem no fim-de-semana. Mas acho que no fundo é sentires-te bem contigo próprio. Consegues ter um estilo de vida saudável. Para estar bem na competição é preciso estar bem no resto. A competição tem o papel de nos educar. Saber o que comer, quando descansar, o treino e acho que conseguimos ter esse tipo de filosofia na nossa vida pessoal e profissional. Acho que isso ajuda a definir-nos no campo profissional, a definir objectivos, a ser mais preciso e acho que isso torna-nos melhores pessoas ao longo da nossa vida. Vamos aprender muito a gerir a pressão do dia-a-dia. A bicicleta nisso desempenha um papel fundamental. Vamos andar de bicicleta de manhã ou ao final do dia e o dia corre ás mil maravilhas.

Acho que exijo demasiado de mim. Mas penso que se não exigir ninguém vai exigir. Acho que isso é no fundo o que me torna um pedacinho diferente, eu exijo e exijo. Acho que a bicicleta nisso é muito importante. Faz-nos ver a vida doutra forma. A bicicleta para mim é um escape. Eu não treino só por treinar. Para mim a bicicleta é o descomprimir da semana. Eu chego ao fim-de-semana e quero andar de bicicleta. Apesar de trabalhar todos os dias com bicicletas, é diferente. Acho que quando estás em cima da bicicleta tens uma liberdade completamente diferente do que tu possas imaginar. Tu metes o capacete e parece que o mundo não existe. Tu estás ali, estás naquele momento, e acho que é o momento de descompressão da

semana, quando estás mais stressado vais andar de bicicleta e as coisas acalmam. Acho que já é tão... como hei-de explicar ? Não é uma rotina. Nós não andamos de bicicleta por rotina ou porque tem que ser, mas acho que é uma forma de educares-te a ti próprio. Vais andar de bicicleta e estás naquele momento, é fundamental para teres um equilíbrio.

Sempre foi, sempre. A bicicleta sempre foi o meu escape. Qualquer problema que tinha pegava na bicicleta. Acho que a bicicleta no fundo sempre foi o meu braço direito. Eu acho que a bicicleta sempre me ajudou.

Acho que a bicicleta sempre foi o meu escape, o melhor amigo. Tinha problemas, dificuldades, agarrava na bicicleta e saía de bicicleta. Na altura até podia não ter a capacidade de pensar que era o meu escape mas ao longo dos anos fui-me apercebendo disso. A bicicleta para mim é uma terapia. Não era do tipo: "estou mal vou andar de bicicleta". Não, a bicicleta acho que já faz parte de mim há muito tempo.

Acho que eu não sou um atleta de perder. A verdade é essa. Eu saio de casa, todas as provas com um objectivo. Cada um sabe das suas limitações mas eu treino sempre o meu ponto mais fraco, sei onde tenho vantagens e desvantagens. Acho que nisso tenho sempre a mentalidade que vou para ganhar, seja onde for. Seja uma prova amadora ou a contar para a geral ou para um campeonato, vou sempre dar o meu melhor. Aprendi a sofrer para conseguir ganhar e eu penso nos momentos que sofri para tentar chegar lá e quando estou no 'gate' só penso no quanto sofri para chegar aquele momento. Por isso, está na altura de descarregar o resultado dos treinos. Acho que nisso sou muito forte, consigo aguentar bem psicologicamente a pressão. Acho que consigo ter a vantagem na competição por isso. Consigo ser uma pessoa forte psicologicamente, vou buscar a minha inspiração aos treinos, ao meu dia-a-dia. Sei o quão difícil é competir neste momento pois trabalho dez a doze horas, não consigo dormir muito e às vezes perco-me um pouco por causa disso. Mas a minha maior motivação é superar isso e conseguir ter bons resultados.

É o que costumo dizer: eu compito contra mim próprio. Se o meu coração aguenta 110 ou 200, tenho que ir aos 201. Se eu sei que tenho capacidade porque não aproveitar ? Ao treinar ou isso, tenho que conseguir cumprir o meu objectivo. Nunca deixo treinos a meio e nas provas vou sempre ao meu limite. Sempre. Já há muitos anos para mim as provas é conseguir ultrapassar um objectivo. Se eu defini um objectivo que conseguir chegar. Para se conseguir ter resultados é preciso lutar um

pouco contra si mesmo, porque há muitos factores que nos podem deitar abaixo nas provas mas acho que isso não é desculpa para nada. Estamos ali para competir e dar o melhor de nós próprios e eu faço isso sempre.

Eu acho que é uma questão de cada pessoa conseguir gerir. Os problemas devem ser encarados de uma forma fria. Se temos um problema devemos tentar resolver e nas provas é um pouco assim. A pressão às vezes é muita de quem está de fora mas quem define és tu. Eu fui educado dessa forma, lidar com os problemas é enfrentá-los, não é passá-los para o lado. Realmente se queremos andar ali, no caso da competição, á frente, acho que temos que superar isso tudo. É muito importante estares na prova e saberes que tens capacidade de lidar com isso. Acho que consigo lidar bem com isso. A minha inspiração, tudo o que me aconteceu ao longo da vida, é só mais um obstáculo. Quando tu passas o obstáculo tudo torna-se mais fácil e é isso que é importante para mim, conseguir superar um problema. Quando tu ganhas tudo isso desaparece pois o importante é conseguir alcançar o objectivo que definiste.

O medo é uma coisa que não pode existir na competição. Falo por mim, vou para uma competição, seja no dia antes ou semanas antes eu começo a trabalhar a minha cabeça para isso. Acho que o que faz diferença na competição é a frieza que enquerras a competição contigo próprio. Tu já tens que começar a preparar a tua cabeça para daqui a cinco dias. Tu para estares forte no gate tens que ter a certeza que estás bem contigo próprio. Se tiveres medo nunca vais conseguir alcançar um objectivo. Eu estou no gate, apenas respiro, concentro-me que o resto já sei o que tenho que fazer. A minha cabeça já está formatada para saber onde vou travar, onde vou pedalar. Normalmente faço a pista na cabeça antes da prova.

Acho que é muito difícil de chegar à primeira vitória. Há pessoas que levam anos, uma vida e nunca conseguem lá chegar. Mas acho que depois de conseguires ganhar uma vez a tua mente... A sensação de ganhar é uma coisa viciante. Tu ganhas uma vez e tu sabes que é resultado de muito trabalho. Eu para mim ganhar é no fundo gratificar o meu sacrifício que faço diariamente para conseguir competir. O maior alívio é quando tu cortas a meta e sabes que ganhaste. Só pensas naquele momento: o que eu sofri e agora o que vou ter em retorno. Isso para mim é a maior alegria de ganhar.

No fundo, eu acho que as bicicletas veio preencher a minha vida. Acho que as bicicletas têm sido uma lição de vida para mim, seja em que aspecto for, profissional ou desportivo, acho que se cresce muito como pessoa. Andando de bicicleta e quem

leva as bicicletas a sério, acho que é das maiores alegrias conseguir andar de bicicleta e ter a oportunidade de chegar onde cheguei. Ninguém vai chegar a profissional em Portugal tão fácil. Eu gosto de andar de bicicleta e eu sei as minhas limitações mas a bicicleta para mim é o meu trabalho, é a minha diversão, no fundo é o meu escape. Eu neste momento posso dizer que a minha vida, eu vivo para as bicicletas. Se me perguntares daqui a cinco anos de vês bicicletas na tua vida, eu não consigo. A minha vida vai estar sempre ligada às bicicletas.

Acho que no fundo a minha infância teve que acabar aos 14 anos. Não foi por opção dos meus pais. Senti que quando o meu pai faleceu aos 14 anos, senti que tinha que dar um passo maior que tinha capacidade. Foi isso que me tornou adulto mais cedo. Acho que tive que antecipar a minha adolescência. No fundo não cheguei a ter a adolescência dos 16 anos a sair com os amigos, isso passou-me um pouco ao lado, completamente ao lado. Quando desisti da escola aos 15 por opção que tinha que trabalhar, já não estava focado na escola nem nos estudos, já estava focado em trabalhar e ganhar o meu próprio dinheiro. Senti que a minha mãe na tinha capacidade de me dar o que eu pretendia e eu queria ter no fundo uma capacidade de a ajudar. Não queria ser um problema para ela ter que dispensar dinheiro do ordenado dela. Acho que isso fez-me pensar um pouco diferente na vida. Comecei a ter outra mentalidade. Deixei de ter a mentalidade de um miúdo de 14 anos para ter a mentalidade de uma pessoa de 18. Tive que começar a trabalhar, por opção e não por obrigação, Quando se entra no mundo do trabalho temos que crescer rapidamente e isso acho que educou-me muito pois fui trabalhar para uma área difícil e fui obrigado a crescer e a evoluir rápido. Quis juntar algum dinheiro, tinha essa vontade de ter uma bicicleta, conseguir ter o que sempre sonhei. Passados quatro meses disse à minha mãe que ia estudar à noite e ela ficou completamente feliz porque ela não queria que eu desistisse da escola. É claro que nenhuma mãe gosta de ver os filhos a desistir da escola. Acho que a partir daí comecei a dar valor à vida de uma forma diferente. Tornei-me logo numa pessoa adulta. A partir do momento que cheguei à escola e percebi que estava ali por opção e não porque tinha que acabar o 12º ano, percebi que tinha que lutar se quisesse realmente acabar os estudos e acho que a partir daí comecei a tornar-me uma pessoa diferente. Não tinha muitas opções para ir por outros caminhos. Saía de casa, trabalhar, escola. Durante esse período de quatro anos nunca deixei de andar de bicicleta. Lembro-me de levar uma semana a dormir quatro horas por noite. Ponderei muitas vezes em desistir, começou a tornar-se esgotante, principalmente no primeiro ano. Não tinha carro, não tinha meio de transporte para ir para casa,

saía da escola à meia noite e meia e tinha que ir a pé porque o horário não era compatível com o trabalho. Aí foi bastante duro mesmo, porque não tinha opção. Não havia ninguém que morasse no mesmo sítio para dar boleia. A partir daí tornei uma pessoa mais fria no mundo do trabalho e a dar valor ao que se tem, fez-me crescer.

Acho que todos os atletas têm o seu truque não é ? Eu durante anos o meu treino psicológico era ir ao Pico do Arieiro às seis da manhã e ficar uma hora lá em cima sentado a olhar para o nada. As pessoas diziam que eu era maluco, mas eu acho que a fonte de inspiração é o caminho certo para se conseguir ter bons resultados, seja na competição ou na vida pessoal. Isso no fundo era o meu escape, fazia isso muitas vezes. Saía de casa, completamente de noite, subia até ao Pico do Arieiro, ficava meia hora a reflectir sobre o que eu iria fazer e o que iriam ser os próximos tempos. Eu penso sempre nisto, pois defino um objectivo. Acho que isso era o que me fazia estar focado naquilo que queria fazer. Hoje em dia ainda faço isso, é uma forma de conseguir fazer um treino psicológico e levar a tua mente ao limite.

Hoje em dia qualquer pessoa consegue treinar 80% de capacidade física, mas 20% do teu rendimento é da tua cabeça. Eu sou 60% físico e 40% é cabeça. A cabeça é o que comanda o corpo. Se conseguires conciliar a família, os amigos o trabalho, isso no final é o que vai dar-te o resultado final.

A vantagem de viver num meio rural, tem muitas vantagens e muitas desvantagens. Consegui crescer num mundo isolado. Onde eu vivo não há muitas pessoas, é um sítio calmo. Sempre tive oportunidade de andar de bicicleta ali perto. Houve pessoas que vivem num apartamento e não têm capacidade de andar de bicicleta na serra. Acho que também que a destreza do sítio onde se vive, tem também influência na pessoa que tu és. Lembro-me perfeitamente de haver uma prova da Taça de Portugal nas Quatro Estradas e nós saímos de bicicleta de casa às 7:30h, para estar lá a tempo dos treinos já para ver o pessoal a descer. Levávamos uma mochila e íamos para lá. Depois no fim da prova, quando saía toda a gente, subíamos até ao início da pista, descíamos a pista e voltávamos de bicicleta para casa que era o nosso único meio de transporte. E para mim a bicicleta sempre foi o meu meio de transporte, o meu divertimento, a bicicleta sempre esteve muito próximo. Saía de casa ia de bicicleta ao café, ia comprar pão á minha avó, para todo o sítio a bicicleta sempre foi o meu aliado, porque não tinha outra forma.

Eu acho que a família é 80% de ti. Tu só és aquilo que vem dos teus pais ou dos teus avós. A minha família sempre teve poucas possibilidades, os meus avós

sempre tiveram que trabalhar imenso. Vejo isso na minha avó. A minha avó para mim é uma inspiração. Ela tem 70 anos, e é uma pessoa lutadora, e sempre fiquei com essa impressão desde miúdo que eles eram os melhores. Acho que isso faz-nos crescer como pessoa todos os dias. Tu olhas e vês que os teus avós construíram a sua casa, tiveram que trabalhar muitas horas, tinham dez filhos e a minha avó nunca baixou os braços. Se formos olhar um pouco para trás, a nossa infância reflecte um pouco isso. Sempre foi uma família lutadora. Lembro-me que o meu avô tinha dois trabalhos. A minha mãe sempre foi para mim o patamar máximo. Não é por ser minha mãe mas acho que ela é uma pessoa incrível, por aquilo que já passou na vida é... inexplicável. Já vi a minha mãe a morrer duas vezes e ela passou por tudo isso. Acho que no fundo, a minha inspiração para isto e para o que sou hoje em dia acho que é 100% da minha família. Acho que os pais, os avós, tudo onde tu cresces é aquilo que te faz ser o que és hoje em dia. Vejo por exemplo, a minha avó que para mim é uma segunda mãe, ela todos os dias dá-me motivação para vir para o trabalho. Acho que isso é uma coisa brutal e isso no fundo é o que nos faz ter as nossas origens. Se tu me disseres o que é para ti mais importante... é a minha família.

Tu só mandas nas pernas o que a tua cabeça diz. Competir, fisicamente é muito duro. Tens que ter uma capacidade fora de série para não sofrer mas quem quer ganhar tem que sofrer. A tua cabeça é o que faz oxigenar os músculos. Muitas vezes vais abaixo fisicamente mas se a tua cabeça estiver bem preparada, se tiveres focado e pensares nos momentos bons da vida, naquilo que tu gostas, nas pessoas que tu gostas, dá-te uma força extra. Sabes que tens de ganhar, não para mostrar a alguém, eu tenho que superar-me a mim próprio. Isso é no fundo, o longo trabalho, de vários anos, tu consegues ter a capacidade de dizer que vais sofrer, não posso mais. Mas a tua cabeça diz 'não, tu és capaz, já sofreste muito', e aí é que a diferença quando vais no teu limite. Quem leva a competição a sério e quer ganhar tem que andar sempre acima do limite. O limite és tu quem define, não é o limite dos outros.

Isso acontece frequentemente. Falo por mim. Tenho um treino de duas horas para fazer e nos primeiros dez metros e pensar: "O que é que eu faço aqui?". Já penso que quero ir para casa, apetecia-me estar a dormir e é sempre aquele impasse do corpo a mandar em ti mas a cabeça é que não pode falhar. As pernas podem falhar mas a cabeça não pode falhar. Eu nunca tenho por hábito desistir, não me lembro uma prova que desistisse. Nunca aconteceu desistir. Desistir não é para fracos mas é para falhados. Eu acho que quem vai para ali sabe para o que está preparado.

Nunca falho nesse tipo de situação. Se tenho que treinar, seja às 10 da noite ou à meia noite, eu tenho um objectivo e tenho que o cumprir. Quando não consigo é melhor não ir. Fazer as coisas mal feitas não é para mim. Muitas vezes tenho um treino de uma hora mas se consigo fazer duas faço, pois amanhã tenho trabalho e já não consigo treinar. Aproveito o máximo de tempo em cima da bicicleta.

Existem três fases. A fase da loucura, quando se começa, somos um pouco inconscientes. Lembro-me quando comecei era completamente alucinado, fazia as coisas muito pela idade mas é normal. Já trabalhava mas ainda tinha mentalidade de puto. Ao longo dos anos isso tem vindo a salientar mais que é: segunda-feira tenho que trabalhar. Isso é o que faz desligar o 'chip', ou ter mais dificuldade em desligar. Avaliar o risco. Será que vale a pena ? Isso é a grande questão que se coloca. Quando estou ali estou de corpo e alma. Às vezes não penso muito na consequência da segunda-feira que é se me magoar tenho que trabalhar. O medo está sempre ali mas se tiveres medo vais ter mais possibilidades de errar. Se tiver concentrado, se treinei tenho capacidade. Os azares acontecem e algum dia pode acontecer. Nos últimos tempos tenho dado mais valor ao facto de que o meu trabalho é as bicicletas e acho que também temos que nos agarrar um pouco a isso. Não é só bicicletas como diversão mas agarrar-me ao trabalho.

Nos primeiros anos a minha família encarou isto como uma brincadeira. Nos primeiros anos não sabiam se eu ia dar alguma coisa para a competição. No fundo o que nós fazemos é treinar para a competição. Para ter resultados é a competição que faz de nós bom ou mau. A minha família, via todos os dias a minha mãe, a minha avó, o meu irmão, vêm-me todos os dias a me levantar cedo, a treinar, ao fim-de-semana quando tenho uma prova, hoje em dia a minha mãe liga-me a perguntar como é que correu, como é que foi o resultado. No fundo, eu sou um herói quando ganho, pois eles vêm o meu sacrifício diariamente e eu partilho isso muito com eles. Quando se ganha estar com eles. Eles estão sempre lá para me apoiar, se ganhar ou perder eles estão sempre ali. A minha família vê-me como um herói, pois eu sempre fiz bons resultados, esforço-me muito. Os meus vizinhos e toda a gente sabe que eu vivo para as bicicletas. Quando eu ganho tenho esse sentimento. A minha família fica super contente porque eles partilham diariamente esse tipo de sentimentos comigo. Eu por exemplo, passo uma semana sem ver a minha mãe, e vivemos na mesma casa. Saio cedo para treinar, ela às vezes não está. Trabalho sempre até tarde. Eu passo tanto tempo fora de casa e depois quando estou com eles ao fim-de-semana para mim é também um escape e acho que eles ficam com

imensa satisfação quando eu ganho. Quando eu ganho eles também estão a ganhar. No fundo é isso.

Eu acho que estou a começar a alcançar o meu sonho, que era trabalhar nas bicicletas. Há dois anos para cá, o meu sonho está a tornar-se realidade. Será que estou mesmo a viver isto ? Sou muito novo, tenho 24 anos, consegui chegar até este ponto, conseguir ter uma loja, gerir uma loja, estar num dos maiores grupos de Portugal de lojas de bicicletas, conseguir fazer a diferença no mundo das bicicletas num meio que há muita concorrência. Não defino um objectivo pelo número de bicicletas que vendo, tenho conseguido conquistar por mim próprio. Tenho conseguido crescer gradualmente. Ao longo destes anos tenho sentido uma evolução em mim mesmo. Não sou uma pessoa que tem um curso superior, fui crescendo conforme o mundo do trabalho vai ensinando. Fico muito feliz por ter a oportunidade que tive, conseguir estar á frente dum projecto destes, acho que isso é o maior sonho que podia ter tido, e ter a oportunidade de chegar até aqui, Tem sido uma batalha para chegar aqui, é verdade. Não tenho intenções de baixar os braços, não sei o que vai ser o meu futuro mas tenho intenções de continuar neste projecto durante muitos anos.

6. Segunda Entrevista - Paulo Batista

A minha primeira bicicleta de facto foi oferecida pelo meu tio. Ele tinha chegado há muito tempo da Venezuela, resolveu oferecer-me uma bicicleta de montanha. Era uma bicicleta simples, uma bicicleta barata para a altura que era. Uma bicicleta lembra-me de supermercado, era verde, bicicleta bastante simples mas para mim já era uma bicicleta topo de gama. Nunca tinha tido uma bicicleta nova, nem sabia o que era uma bicicleta nova e para mim foi uma bicicleta o melhor que havia.

De facto, nasci numa zona rural onde não havia praticamente nada à volta, tipo distracção. Não havia parques infantis, não havia nada disso. Sempre fui habituado a viver no campo.

Eu cresci numa zona rural, um meio onde não havia muita coisa à volta, não era um meio desenvolvido. Não havia muita gente também ali à volta. Era eu e mais dois ou três vizinhos. A nossa maior ocupação era de facto, começou a ser as bicicletas quando tivemos oportunidade de tê-las. Aí é que começou a nossa ocupação, passávamos grande parte do tempo a andar de bicicleta na rua.

A bicicleta no fundo começou a ser como um nosso irmão. A bicicleta, no fundo nós andávamos de bicicleta para todo o lado. A bicicleta era meio de transporte, servia-nos para a diversão. Nós juntávamos ao fim de tarde depois de sair da escola, todos ao pé de casa para andar de bicicleta. Depois tínhamos uma garagem na minha casa onde usávamos para fazer de oficina. Facilmente as bicicletas estavam sempre a se rebentar, era preciso endireitar as rodas, e aí começou já um pouco o gosto pela mecânica. Nós éramos auto-didactas. Nós é que fazíamos as nossas bicicletas. Avariavam umas rodas ou uma suspensão, os travões, nós é que já reparávamos. E era aqui o nosso passatempo, era reparar bicicletas e usá-las.

Andar de bicicleta sempre foi uma paixão para mim. Nunca teve outra paixão sem ser as bicicletas. Nunca fiz outro desporto, sem ser a bicicleta. Eu acho que fui crescendo conforme eu também fui evoluindo nas bicicletas. Comecei por usar a bicicleta como meio de transporte, para diversão com os amigos e depois fui percebendo realmente a bicicleta era mais do que aquilo que eu pensava. Começou a fazer parte da minha vida a bicicleta. Comecei a competir, ia ver as provas e aí percebi realmente que as bicicletas eram muito importantes nesse sentido.

Eu acho que isso é um pouco a vontade de ganhar, é sempre um pouco de nós. Acho que nasce um pouco connosco que é as formas de tu alcançares um objectivo é tudo um pouco o que passas na vida. Se tu lutas vais ter um resultado. Sempre fui lutador desde pequeno, nunca gostei de perder, a verdade é essa. Sempre encarei

as coisas numa forma objectiva. Se eu vou para uma competição eu tenho que ser o melhor. É também o que faz um pouco a diferença na competição é conseguires gerir essa capacidade que é: tu consegues andar bem, toda a gente anda bem mas tu tens que fazer a diferença e faz-se a diferença com a vontade de ganhar.

Desde que comecei a andar de bicicleta bastante tarde, lembro-me perfeitamente que andávamos de bicicleta ali ao pé de casa e na altura a moda era fazer cavalinhos. Eu de facto não gostava de perder. Fui sempre bastante competitivo comigo mesmo. Queria sempre fazer o meu melhor. Às vezes estávamos ao fim-de-semana ali simplesmente a andar de bicicleta e nós já levávamos aquilo como uma competição. Não gostava de ficar para trás.

Não, é claro que ninguém gosta de perder. Eu sempre fui bastante competitivo até nas brincadeiras com os meus amigos. Ganhar dá uma satisfação total, até na minha vida profissional. Ganhar faz parte de mim.

As bicicletas como eram muito fracas na altura muitas vezes avariavam-se facilmente. É claro que a minha mãe não tinha dinheiro para me pagar umas rodas novas ou material para a bicicleta. Ela dava-me todos os dias dinheiro para ir para a escola. Lembro-me perfeitamente na altura que ela dava-me 50 escudos, e eu ia guardando todos os dias que era para no fim-de-semana conseguir ir à loja das bicicletas comprar algumas peças. Quando isso não era suficiente ia trabalhar com a minha vizinha, que era preciso acartar erva para as vacas. No fim do dia ela dava-me sempre algum dinheiro, às vezes era 50 escudos, às vezes 100 escudos e isso era o dinheiro que eu usava, no fundo, para gastar nas bicicletas.

A minha mãe dava-me todos os dias 50 escudos para levar para a escola e para lanchar e eu guardava para conseguir comprar algumas peças para a bicicleta. Muitas vezes não era suficiente para conseguir o dinheiro. Eu ia trabalhar com a minha vizinha, no fundo era acartar erva para as vacas, fazer o que fosse necessário. Ela chegava ao final do dia dava-me sempre algum dinheiro e eu no fundo guardava esse dinheiro para conseguir gastar nas bicicletas. Que realmente era a minha paixão e sempre foi onde eu gastei o meu dinheiro.

Foi aos 14 anos de facto que a minha vida mudou um pouco do que uma pessoa normal ou uma criança com 14 anos normalmente está habituado. Foi aos 14 anos que desisti da escola, andava na escola no 8o ano e desisti porque não estava motivado. Foi a situação da morte do meu pai, prejudicou-me um pouco, fiquei um pouco desanimado com a escola. Resolvi, de facto, ir trabalhar. Queria ajudar a minha mãe, no fundo, porque não queria ser um problema para ela. Não queria ser

mais um empate, mais uma despesa e no fundo resolvi ir trabalhar. Aí já comecei a poupar algum dinheiro para a minha primeira bicicleta. Lembro-me perfeitamente que guardei os meus primeiros três meses de ordenado, guardei algum dinheiro, que era para conseguir comprar uma bicicleta. Lembro-me perfeitamente que foram 700€ que eu tinha guardado para a bicicleta e foi a altura em que fui à antiga Bike Zone, e eu cheguei lá e disse: "Joselino tenho aqui 700€, queria que me montasses uma bicicleta com este valor. Não tenho mais dinheiro, foi o dinheiro que eu trabalhei nas férias para poupar, queria mesmo uma bicicleta. Não importa que seja usada, tenho que ter uma bicicleta com este valor". Lembro-me perfeitamente que foi um Sábado à tarde que ele fez a montagem da bicicleta.

O dinheiro que tinha guardado eram 700€ que eu tinha. Lembro-me perfeitamente que cheguei à loja onde o Joselino trabalhava, que era a antiga Bike Zone, e disse ao Joselino: "Só tenho 700€ para montar uma bicicleta". Sabia que não era o suficiente para uma bicicleta nova, ele fez uma montagem com umas peças usadas, o que interessava era que fosse uma bicicleta, fosse ela qual fosse. Eu queria mesmo era ter uma bicicleta. Foi uma bicicleta que eu sempre sonhei ter, uma bicicleta de Downhill, e foi... não era nova mas para mim era a melhor do mundo.

Eu o facto de viver num meio rural também favorece nesse sentido que era chegar mais perto das provas. Era fácil sem ter meios. Eu não tinha carro, nem os meus amigos tinham carros. Nós íamos sempre de bicicleta ou a pé. Lembro-me perfeitamente de ir ver as provas nas Quatro Estradas, íamos pela levada, voltávamos a subir, víamos a prova, e depois no final da prova quando todos iam embora nós descíamos de bicicleta. Era a única forma que nós tínhamos de meio de transporte e era a única forma de conseguirmos chegar lá.

A bicicleta, de facto, veio abrir-me portas que provavelmente se fizesse outro tipo de desporto nunca iria conseguir. Tenho a oportunidade de fazer aquilo que gosto através das bicicletas. Comecei com as bicicletas como paixão, não foi por outro motivo qualquer. A bicicleta para mim sempre foi o meu melhor amigo. Sempre usei a bicicleta como forma de descontração, divertir. A bicicleta dá-nos outra liberdade, dá-nos outra visão. De facto comecei pelas bicicletas como paixão, depois tive a oportunidade de trabalhar nas bicicletas, começar numa loja de bicicletas como mecânico. Depois consegui subir um pouco mais, ter a capacidade de gerir uma loja e actualmente acho que tenho o trabalho de sonho. Sempre foi o meu grande objectivo e sonho, ter uma loja e trabalhar nas bicicletas. Acho que neste momento posso dizer que faço aquilo que mais gosto. No fundo a minha vida é já um pouco resumida às bicicletas.

Neste momento não se é profissional em Portugal com tanta facilidade mas eu levo essas coisas muita a sério. Eu compito, trabalho e no fundo eu uso as bicicletas como também uma forma de liberdade. É libertar o stress do trabalho, é uma forma de estar com os amigos. No fundo, é muito difícil conciliares isso tudo se não tiveres uma vida bem organizada. Para tu conseguires tirar frutos disso, e para não ser um desgaste para ti, tens que usar isso como a tua arma principal. Eu por exemplo, tenho muito isso, o hábito de acordar cedo, treinar, chegar cedo ao trabalho para depois conseguir estar bem diariamente com os problemas do trabalho, com os problemas pessoais, pois tudo nos afecta se não conseguirmos encarar isso de uma forma relaxada, e no fundo é a liberdade que tu tens com a bicicleta.

Se dessem-me oportunidade de hoje em dia para escolher onde vivia, ou onde viver, voltava sempre ao mesmo sítio onde nasci. Já faz parte de mim. Eu sair de casa é no fundo uma inspiração. Saio todos os dias para treinar, esteja frio ou esteja sol, mas é um mundo completamente à parte. Eu saio de casa para treinar, só estou eu. Não estou rodeado de carros, hotéis, nada disso. Eu saio, é o meu espírito para ir treinar. Eu entrar na estrada que vai para a minha casa é um descanso total, eu sei que já estou a entrar em modo de descanso. Eu não trocava para nenhum sítio do mundo onde vivo hoje em dia.

De facto é vantajoso viver num meio rural para quem gosta tanto das bicicletas. Acho que aí eu tenho vantagem sobre toda a gente. Eu vivo num sítio onde também, sempre foi o melhor para as bicicletas. Eu estou a dois minutos da terra e assim é o que mais me aproxima e o que faz a diferença de estar no meio onde vivo, onde cresci. Conseguir inserir as bicicletas no meio onde estou inserido.

Nessa situação, quando era pequeno, lembro-me perfeitamente, quando andava de bicicleta ali ao pé de casa, se tinha algum problema, usava a bicicleta como escape. Inconscientemente na altura, foi um escape a bicicleta. Eu saía de bicicleta, ia andar de bicicleta, os problemas desapareciam. Actualmente a bicicleta já tem outro peso que não tinha anteriormente. Hoje em dia quando estamos mais stressados, uso a bicicleta para descontraír, para relaxar, para estar sozinho. Eu tenho essa vantagem de viver num meio rural que é: saio de casa, entro na levada da serra ou isso, e não se passa mais nada. É só eu e a bicicleta e o meio onde estou. Não se passa absolutamente nada.

Eu sou o que sou hoje em dia devido à minha família. Eu vejo na minha mãe, na minha avó, a minha fonte de inspiração neles. Eles sempre foram uma família muito lutadora, principalmente os meus avós, sempre trabalharam muito para conseguirem

dar uma boa educação aos meus pais. A minha mãe vem a seguir o exemplo disso, eu sou um pouco, muito próximo daquilo que a minha mãe é. A minha mãe sempre foi uma pessoa bastante lutadora, sempre encarou a vida de uma forma bastante dura, ela já passou por muito e acho que é isso que faz-me todos os dias conseguir ir mais longe. Se eu sei que sou capaz é devido a eles. Eles é que me fizeram ser a pessoa que sou hoje em dia. Sem eles, não conseguiria ser a pessoa que sou, quem sou. Acho que isso é o maior forte, a nossa família é a nossa base. É o que faz realmente a pessoa que eu sou.

A minha avó sempre foi a minha segunda mãe. A minha mãe como estava sempre a trabalhar, a minha avó passava a maior parte do tempo connosco, comigo e com o meu irmão, mas sempre foi aquela pessoa que para mim era o ídolo. Era sempre foi e irá ser pela energia que ela tem, pela força de viver que ela realmente tem. É uma pessoa que já tem quase 70 anos e levanta-se às 6:30h da manhã, vai apanhar erva às vacas, aos coelhos, e eu chego para treinar e ela já está lá sempre. Ela, no fundo, é como se fosse um ídolo. Se eu sei que ela consegue, eu também consigo. É o que me dá muitas vezes motivação para treinar, está sempre ali, é super importante mesmo.

A minha família, no início, começou a ver as bicicletas como brincadeira. Eu acho que toda a gente passa por essa fase. Nunca se sabe quem vai ter dom ou não. Aí a minha família sempre soube que eu gostava muito de andar de bicicleta, sempre levaram as bicicletas como uma brincadeira, como a brincadeira do fim-de-semana. Mas perceberam depois que isso realmente não era só a brincadeira do fim-de-semana. No início quando comecei a fazer provas, eles levavam aquilo na brincadeira, eles nem sabiam muito bem o que era a competição. Depois começaram a perceber realmente que eu levei as coisas, também tornei as coisas mais sérias. Já tinha algum tipo de cuidado com os treinos, com a alimentação, tudo. Até que actualmente, a minha mãe liga-me a perguntar qual foi o resultado da prova, como é que correu, se eu estou bem. Isso também é um pouco a evolução. Eles vão percebendo que realmente, isto é o que faz parte de mim. É o que me faz sentir bem.

A minha família acompanha diariamente o meu dia-a-dia, sabem qual é o esforço que é preciso para conseguir ganhar. Todos os dias a acordar cedo, sair cedo para o trabalho, chegar a casa muito tarde, fazer um esforço para conseguir estar no fim-de-semana bem nas provas. É claro que eu fico feliz por ganhar mas eles também ficam felizes quando eu ganho, acho que aí é um resultado que nós temos que partilhar, eu ganho, eles também 'ganhem' e ficam bastante felizes quando eu de

facto ganho. É bastante motivador chegar a casa e a minha mãe dizer: 'Ah ganhaste, agora sim valeu a pena o treino todo e te levatares cedo, dormes pouco'. Acho que isso é o mais gratificante disto tudo. Não é pelo facto de ganhar para ser o melhor mas porque vê-se algum resultado no fim disso tudo.

Os meus avós de facto sempre foram uma inspiração para mim, apesar que mais a minha avó porque o meu avô morreu quando eu era bastante novo, tinha 9 anos. Mas a minha avó, sempre teve essa capacidade de lutar e superar essa situação. A minha avó era muito chegada ao meu avô e ele era o pilar da família e realmente ela conseguiu superar isso tudo. Passou por bastantes dificuldades para conseguir superar essas situações. Ela de facto é uma pessoa lutadora, e é um exemplo de pessoa. Acho que isso é também o que me motiva e o que faz de mim conseguir chegar mais longe. Ela está sempre ali. E é a ela que eu vou buscar a minha energia. Eu saio para trabalhar, ela já está toda eléctrica: "Sérgio vá, vamos tomar um café, já está na hora". Está sempre ali com aquela motivação que é preciso. Ela no fundo vê-nos como filhos, e é isso que faz dela uma pessoa tão especial. Ela para mim é tudo.

Muitas vezes estou a dormir, dormi quatro, cinco horas, e ela vai lá: "Sérgio, tens que ir treinar". Ela vai lá acordar. Faz-me o pequeno-almoço, enquanto eu equipo-me. Ela de facto nisso é brilhante. Ela sabe que custa mas às vezes acorda-me duas, três vezes: "Vá Sérgio, tens que ir". Muitas vezes quando deito-me tarde tenho dificuldade em levantar e ela: "Vá, está na hora, vamos embora, vamos tomar um café" - ela está sempre ali. E ela já faz parte da minha vida.

Acho que a minha maior arma é nunca desistir. Acho que desistir... não me lembro de uma prova que desistisse. É assim, sempre fui uma pessoa bastante lutadora, sempre consegui superar a mim mesmo e acho que é, para se conseguir um resultado, um objectivo só depende de nós. Só depende de nós, no sentido que é, nós estamos ali, nós temos que decidir. Muitas vezes é duro até chegar ali, o resultado dos treinos, ter que se levantar cedo, fazer 'n' esforço para estar ali, mas depois na altura da dificuldade, que é realmente a competição, é tu dares o teu máximo, e usares o que é bom na vida a teu favor. Já passei por muitas situações difíceis na vida, muitos sacrifícios, e eu acho que encaro isso como mais uma barreira. Uma prova é tentar me superar a mim mesmo. É muito difícil, de facto, conseguir estar sempre a 100%, há momentos altos e baixos. Muitas vezes nós vamos abaixo e é aí de facto que a nossa família tem grande influência e o nosso passado. É tu sabes, bem, eu agora estou num momento menos bom mas eu sei

que já consegui ultrapassar isto uma vez e vou conseguir realmente passar por cima disto tudo e isto é só mais uma adversidade que aparece e eu vou conseguir passar; e acho que a competição é isso mesmo, é tentar sempre se ganhar a si próprio. Como é um desporto individual, não dependo de ninguém. Tu tens que ir buscar força onde ela não existe. Na hora dói, mas depois passa. A dor é passageira e a vitória é para sempre, e esse é sempre o lema que eu já uso há muitos anos e é sempre tentar superar a si próprio.

Eu acho que a competição tem isso. Tu tens de ter uma vida aliada à competição. Tu realmente se quiseses ter bons resultados e queres ser o melhor, tu tens que abdicar de muita coisa. Tens que optar por um estilo de vida saudável, não podes andar nas noitadas, nos copos com os amigos. Tu tens que levar isso como um objectivo. Se eu sair hoje, amanhã vou estar mal e a competição de facto tem isso (sem imagem), para tu estares bem tu tens que viver para a competição. É o teu trabalho que é treinares. Eu não sou profissional mas tento ser o máximo rigoroso nisso. Ter as horas de descanso suficientes e usar isso também como um estilo de vida. Eu tenho que cumprir, tenho que ser rigoroso com isso para conseguir chegar a um objectivo.

Principalmente, agora é, nesta fase da minha vida, eu acho que quando vou andar de bicicleta ao fim-de-semana é um tipo um desligar do teu diário. Porque eu estou constantemente com as bicicletas, mas é diferente, é um trabalho, tens que estar com a máxima atenção, é outro tipo de actividade, estás no fundo a prestar um serviço e é o teu trabalho com as bicicletas e tens que ser mais profissional nisso. De facto, ao fim-de-semana, quando vamos andar de bicicleta é o desligar total. É quando se mete o capacete, esquece os problemas e esqueces realmente que trabalhas nas bicicletas. Tu estás ali mas é para andar de bicicleta, estar com os teus amigos, a se divertir. Que no fundo, as bicicletas têm isso, um espírito de grupo muito importante, que é o que nos faz gostar das bicicletas. O ambiente das bicicletas é muito bom, bastante saudável.

Claramente se hoje em dia faço o que faço foi um pouco por amor às bicicletas. A minha vida, não conheço de outra forma, nem conheceria de outra forma se não tivesse ligados às bicicletas. De facto, as bicicletas apareceram por acaso e no fundo tem se vindo a tornar um sonho realidade. Toda a gente gosta de andar de bicicleta quando é novo, quando é miúdo, Depois chega a uma fase que é preciso envergar por outros caminhos, estudar, trabalhar. E eu de facto, consegui conciliar isso tudo. Comecei a andar de bicicleta por gosto, depois competir e agora trabalho nas bicicletas. Acho que isso é muito gratificante nesse sentido. Consigo ter as

bicicletas como trabalho, como hobby e no fundo como estilo de vida.

É assim, de facto fui sempre um miúdo muito independente, desde muito novo, sempre gostei de ter a minha própria independência, não depender de ninguém, seja lá para o que for. É assim, nós precisamos sempre dos outros mas és tu que fazes o teu próprio caminho. De facto, luto todos os dias para um objectivo. Tenho um objectivo a nível profissional, mas também tenho o meu objectivo desportivo. No fundo é um treino, é um trabalho, é um desenrolar de situações que fazem de ti um bom ou mau atleta. Se tu realmente conseguires superar essas tuas capacidades, no fundo vais ter um resultado sempre.

Acho que é assim, tudo o que nós fazemos tem um resultado e aí isso faz a grande diferença. De facto é muito difícil treinar. Tudo resume-se a um sacrifício que depois tem um resultado final.

Acho que realmente vale sempre a pena quando o sacrifício é grande, quando tu ablicas de muita coisa na vida para conseguir ter um resultado. É muito desgastante e é um sacrifício todos os dias ter que acordar cedo mas passado uma semana, tu tens uma prova e tudo vale a pena. Realmente, tu dás mais valor quando tens o sacrifício maior e depois, no fundo, o resultado aí compensa sempre.

Acho que é assim, de facto é já muito tempo que já faço competição. Ao longo desse percurso, tem sido muitas vezes um sacrifício, conseguir treinar, conseguir trabalhar, mas sinto que tudo vale a pena.

37 - Realmente a bicicleta sempre foi importante na minha vida, sempre esteve presente nos bons e nos maus momentos, nas vitórias, nos sacrifícios que valeu a pena fazer para conseguir atingir um objectivo e realmente a bicicleta mudou a minha vida para sempre.

7. Transcrição Documentário - Paulo Batista

(1:28m - PT) Eu cresci numa zona rural, um meio onde não havia muita coisa à volta. Não era um meio desenvolvido. Era eu e mais dois ou três vizinhos. Passávamos grande parte do tempo a andar de bicicleta na rua.

(2:17m - PT) A minha mãe dava-me todos os dias 50 escudos para levar para a escola para lanchar, e eu guardava para conseguir comprar algumas peças para a bicicleta. Muitas vezes não era suficiente e eu ia trabalhar com a minha vizinha. Acartava erva para as vacas, fazer o que fosse necessário. Chegava ao final do dia ela dava-me sempre algum dinheiro.

(3:01m - PT) Facilmente as bicicletas estavam sempre a rebentar. Era preciso endireitar as rodas e aí começou um pouco o gosto pela mecânica. Andar de bicicleta sempre foi uma paixão para mim.

(3:21m - PT) Comecei por usar a bicicleta como meio de transporte para diversão com os amigos e depois fui percebendo realmente que a bicicleta era mais do que aquilo que eu pensava.

(5:53m - PT) Acontece dias que saís de casa e andas dez metros de bicicleta e dizes: O que é que eu faço aqui? Eu tenho um treino de duas horas para fazer e nos primeiros de minutos estou a morrer. Penso que quero ir para casa, apetecia-me estar a dormir. É sempre aquele impasse que é o corpo a mandar em ti. As pernas podem falhar mas a cabeça não pode falhar.

(6:26m - PT) Eu compito contra mim próprio. Se o meu coração aguenta 110 ou 200, ele tem que ir aos 201. Se eu sei que tenho capacidades, porque não aproveitá-las?

(6:44m - PT) Nunca deixo treinos a meio. Nas provas vou sempre ao meu limite, sempre. Já há muitos anos que para mim as provas é conseguir ultrapassar um objectivo. Para se conseguir ter resultados acho que é preciso lutar um pouco contra si mesmo. Porque há muitos factores que nos podem deitar abaixo nas provas como as quedas. Mas isso não é desculpa para nada. Estamos ali para competir e para dar o melhor de nós próprios e eu faço isso sempre.

(7:38m - PT) Muitas vezes tu vais abaixo fisicamente mas se a tua cabeça estiver bem preparada, estiveres focado e pensares nos momentos bons da vida, naquilo que tu gostas, nas pessoas que tu gostas... dá-te uma força extra ! Eu tenho que ganhar não para mostrar a alguém, eu tenho que me superar a mim próprio. Isso no fundo é o longo trabalho de vários anos, onde tu consegues ter essa capacidade de dizer: vou sofrer, não posso mais. Mas a tua cabeça diz que não. Tu és capaz, já

sofrete muito. Aí é que faz a diferença quando vais no teu limite. Quem leva a competição a sério e quer ganhar tem que andar sempre acima do limite.

(9:16m - PT) A minha avó sempre foi a minha segunda mãe. Muitas vezes estou a dormir, dormi quatro ou cinco horas e ela vai lá: "Sérgio tens que ir treinar". Ela vai lá acordar-me. Ela de facto nisso é brilhante. Ela está sempre ali e ela sabe que custa mas acorda-me duas ou três vezes: "vá Sérgio, tens que ir". Ela de facto é uma pessoa lutadora e acho que isso é também o que me motiva e o que faz de mim conseguir chegar mais longe.

(9:58m - PT) A minha família no início começou por ver as bicicletas como uma brincadeira. Acho que toda a gente passa por essa fase. Até que actualmente a minha mãe liga-me a perguntar qual foi o resultado da prova, como é que correu, se eu estou bem.

(10:26m - PT) Eu sou o que sou hoje em dia devido à minha família. Eu vejo na minha mãe e na minha avó a minha fonte de inspiração. Sem eles não conseguia ser a pessoa que sou, quem sou. Acho que isso é o maior forte. A nossa família é a nossa base.

(10:57m - PT) Foi aos 14 anos que desisti da escola, andava no 8º ano. Foi a situação da morte do meu pai que prejudicou-me um pouco e fiquei desanimado com a escola. Resolvi de facto ir trabalhar. Queria ajudar a minha mãe pois não queria ser um problema para ela. Aí comecei a poupar algum dinheiro. Lembro-me perfeitamente que cheguei à loja onde o Joselino trabalhava que era a antiga Bike Zone e disse que só tinha 700€ para montar uma bicicleta. Sabia que não era suficiente para uma bicicleta nova. Ele fez uma montagem com peças usadas mas o que interessava era que fosse uma bicicleta, fosse ela qual fosse.

(12:17m - PT) De facto fui sempre um miúdo muito independente, desde muito novo. Sempre gostei de ter a minha própria independência e não depender de ninguém, seja lá para o que fosse. Nós precisamos sempre dos outros mas és tu que fazes o teu próprio caminho.

(12:56m - PT) Claramente se hoje em dia faço o que faço foi por amor às bicicletas. Toda a gente gosta de andar de bicicleta quando é novo, quando é miúdo, depois chega a uma fase que é preciso envergar por outros caminhos como estudar ou trabalhar. Eu de facto consegui conciliar isso tudo.

(13:31m - PT) As bicicletas apareceram por acaso e isso tem se vindo a tornar um sonho realidade. Acho que isso é muito gratificante nesse sentido. Consigo ter as bicicletas como trabalho, como hobby e como estilo de vida.

(14:28m - PT) Eu durante anos, o meu treino psicológico era ir ao Pico do Arieiro às seis da manhã e conseguir ficar uma hora lá em cima sentado a olhar para o nada. As pessoas diziam que eu era maluco. Eu acho que a fonte de inspiração é o caminho certo para se conseguir ter bons resultados.

(15:15m - PT) Eu não treino só por treinar. Acho que para mim a bicicleta é o descomprimir da semana. Chego ao fim-de-semana eu quero andar de bicicleta. Apesar de trabalhar todos os dias com bicicletas é diferente. Acho que quando estás em cima da bicicleta tens uma liberdade completamente diferente do que possas imaginar. Metes o capacete e parece que o mundo não existe.

(18:34m - PT) Realmente a bicicleta sempre foi importante na minha vida, sempre esteve presente nos bons e nos maus momentos. Nas vitórias e nos sacrifícios que valeu a pena fazer para atingir um objectivo. E realmente a bicicleta mudou a minha vida para sempre.

8. Currículo Desportivo - Paulo Batista



Curriculum Vitae



DADOS PESSOAIS

Nome: Paulo Sérgio Vasconcelos Baptista

BI: 13834991

Nacionalidade: Portuguesa

Nº licença nacional: 29513

Data licença nacional: 25-02-2014

Nº licença UCI: POR19890811

Data licença UCI: 05-03-2007

ÉPOCA 2007

Categoria: Júnior

Associação: Associação de Desportos da Madeira

Clube: Cíclo Madeira Clube Desportivo

Provas:

Nome	Data	Âmbito	Equipa	Posição
1ª Prova Campeonato Regional da Madeira DH	2007-03-25	Regional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	1
2ª Prova Campeonato Regional da Madeira XCO	2007-04-15	Regional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	2
Taça de Portugal DH#3	2007-04-22	Nacional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	15
2ª Prova Campeonato Regional da Madeira DH	2007-05-06	Regional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	1
3ª Prova Campeonato Regional da Madeira XCO	2007-06-10	Regional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	1
Taça de Portugal DH#4	2007-06-17	Nacional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	9
4ª Prova Campeonato Regional da Madeira XCO	2007-07-17	Regional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	1
Campeonato Nacional DH	2007-07-21	Nacional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	8
Taça de Portugal DH#6	2007-09-23	Nacional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	10
II Down Town do Funchal	2007-10-06	Regional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	2
5ª Prova Campeonato Regional da Madeira XCO	2007-10-20	Regional	Cíclo Madeira Clube Desportivo	1

ÉPOCA 2008

Categoria: Sub-23

Associação: Associação de Desportos da Madeira

Clube: Clube BTT da Madeira

Provas:

Nome	Data	Âmbito	Equipa	Posição
Taça de Portugal DH #2	2008-04-05	Nacional	BTT Madeira	9
1ª Prova Camp. Regional BTT - DH	2008-04-13	Regional	BTT Madeira	1
Taça de Portugal DH #3	2008-04-27	Internacional	BTT Madeira	22
1ª Prova Camp. Regional BTT - XCO	2008-05-04	Regional	BTT Madeira	1
Taça de Portugal DH #5	2008-05-25	Nacional	BTT Madeira	10
3ª Prova Camp. Regional BTT - DH	2008-06-01	Regional	BTT Madeira	2
3ª Prova Camp. Regional BTT - XCO	2008-06-15	Regional	BTT Madeira	2
Campeonato Nacional DH	2008-07-20	Nacional	BTT Madeira	18
4ª Prova Camp. Regional BTT - DH	2008-09-07	Regional	BTT Madeira	1
5ª Prova Camp. Regional BTT - XCO	2008-11-16	Regional	BTT Madeira	1
5ª Prova Camp. Regional BTT - DH	2008-11-30	Regional	BTT Madeira	2

'Ninguém Nasce Campeão' - António Abreu

ÉPOCA 2009

Categoria: Sub-23

Associação: Associação de Desportos da Madeira

Clube: Clube BTT da Madeira

Provas:

Nome	Data	Âmbito	Equipa	Posição
1ª Prova do Campeonato Regional de DH	2009-02-08	Regional	Bike Zone / Madeira	2
Taça de Portugal DHI # 1	2009-02-15	Internacional	Bike Zone / Madeira	58
1ª Prova do Campeonato Regional de XCO	2009-02-22	Regional	Bike Zone / Madeira	2
2ª Prova do Campeonato Regional de XCO	2009-03-15	Regional	Bike Zone / Madeira	1
2ª Prova do Campeonato Regional de DH	2009-03-22	Regional	Bike Zone / Madeira	2
3ª Prova do Campeonato Regional de XCO	2009-04-05	Regional	Bike Zone / Madeira	1
3ª Prova do Campeonato Regional de DH	2009-05-10	Regional	Bike Zone / Madeira	2
Taça da Madeira de Estrada	2009-11-14	Regional	Bike Zone / Madeira	2

ÉPOCA 2010

Categoria: Sub-23

Associação: Associação de Desportos da Madeira

Clube: Clube Futebol Carvalheiro

Provas:

Nome	Data	Âmbito	Equipa	Posição
Taça de Portugal DHI # 1 - Sernancelhe	2010-03-14	Nacional	O Boleo / Clube Futebol Carvalheiro	45
Maxxis Internacional - Gouveia	2010-03-21	Internacional	O Boleo / Clube Futebol Carvalheiro	59
Taça de Portugal DHI # 2 - Ribeira de Pena	2010-04-18	Nacional	O Boleo / Clube Futebol Carvalheiro	22
Maxxis Internacional - Fafe	2010-04-25	Internacional	O Boleo / Clube Futebol Carvalheiro	35
Taça de Portugal DHI # 3 - Trofa	2010-05-02	Nacional	O Boleo / Clube Futebol Carvalheiro	36
Taça de Portugal DHI # 4 - Góis	2010-06-13	Nacional	O Boleo / Clube Futebol Carvalheiro	35
Campeonato Nacional de DHI	2010-07-11	Nacional	O Boleo / Clube Futebol Carvalheiro	28

ÉPOCA 2011

Categoria: Sub-23

Associação: Associação de Ciclismo da Madeira

Clube: Clube Futebol Carvalheiro

Provas:

Nome	Data	Âmbito	Equipa	Posição
1ª Prova da Taça da Madeira DHI	2011-02-26	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	3
1ª Prova da Taça da Madeira XCO	2011-03-19	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	1
2ª Prova da Taça da Madeira DHI	2011-04-02	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	2
2ª Prova da Taça da Madeira XCO	2011-04-10	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	1
3ª Prova da Taça da Madeira DHI	2011-05-01	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	2
3ª Prova da Taça da Madeira XCO	2011-05-21	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	2
1ª Prova da Taça da Madeira DHU	2011-06-18	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	2
4ª Prova da Taça da Madeira XCO	2011-06-26	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	1
4ª Prova da Taça da Madeira DHI	2011-07-09	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	4
Campeonato Regional XCO	2011-07-23	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	1
Campeonato Regional DHI	2011-09-25	Regional	Clube Futebol Carvalheiro	3

'Ninguém Nasce Campeão' - António Abreu

ÉPOCA 2012

Categoria: Elite

Associação: Associação de Ciclismo da Madeira

Clube: Associação Desportiva Galomar

Provas:

Nome	Data	Âmbito	Equipa	Posição
1ª Prova do Campeonato da Madeira XCO / Fonduras	2012-02-26	Regional	Canigo Riders	3
1ª Prova do Campeonato da Madeira DHI	2012-03-18	Regional	Canigo Riders	2
2ª Prova do Campeonato da Madeira XCO / Porto Moniz	2012-04-22	Regional	Canigo Riders	4
2ª Prova do Campeonato da Madeira	2012-05-13	Regional	Canigo Riders	5
3ª Prova do Campeonato da Madeira XCO / Chão da Lagoa	2012-06-03	Regional	Canigo Riders	2
4ª Prova do Campeonato da Madeira XCO / Ponta do Sol	2012-07-07	Regional	Canigo Riders	2
1ª Prova do Campeonato da Madeira DHU	2012-07-08	Regional	Canigo Riders	2
3ª Prova do Campeonato da Madeira DHI	2012-09-02	Regional	Canigo Riders	3

ÉPOCA 2013

Categoria: Elite - DH

Associação: Associação de Ciclismo da Madeira

Clube: Ciclo Madeira Clube Desportivo

Provas:

Nome	Data	Âmbito	Equipa	Posição
1ª Prova do Campeonato da Madeira XCO	2013-02-17	Regional	Liberty Seguros/Cetelem/CicloMadeira	4
2ª Prova do Campeonato da Madeira XCO	2013-03-10	Regional	Liberty Seguros/Cetelem/CicloMadeira	4
1ª Prova do Campeonato da Madeira DHI / Ponta do Pargo	2013-04-06	Regional	Liberty Seguros/Cetelem/CicloMadeira	4
3ª Prova do Campeonato da Madeira XCO	2013-04-21	Regional	Liberty Seguros/Cetelem/CicloMadeira	4
2ª Prova do Campeonato da Madeira DHI / Cabo Girão	2013-05-12	Regional	Liberty Seguros/Cetelem/CicloMadeira	1
4ª Prova do Campeonato da Madeira XCO	2013-06-16	Regional	Liberty Seguros/Cetelem/CicloMadeira	4
3ª Prova do Campeonato da Madeira DHI / 4 Estradas	2013-06-30	Regional	Liberty Seguros/Cetelem/CicloMadeira	3
4ª Prova do Campeonato da Madeira DHI / Prazeres	2013-07-21	Regional	Liberty Seguros/Cetelem/CicloMadeira	4

ÉPOCA 2014

Categoria: Elite

Associação: Associação de Ciclismo da Madeira

Clube: Clube Naval do Seixal

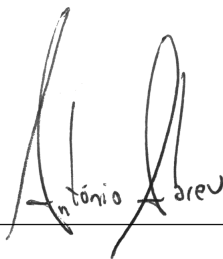
Provas:

Nome	Data	Âmbito	Equipa	Posição
1ª Prova do Campeonato da Madeira XCO	2014-02-23	Regional	Município de Porto Moniz/C. N. Seixal	1
1ª Prova do Campeonato da Madeira Crono-Escalada	2014-03-02	Regional	Município de Porto Moniz/C. N. Seixal	5
2ª Prova do Campeonato da Madeira XCO	2014-03-09	Regional	Município de Porto Moniz/C. N. Seixal	2
1ª Prova do Campeonato Regional de Ciclismo de Estrada	2014-03-16	Regional	Município de Porto Moniz/C. N. Seixal	4
3ª Prova do Campeonato da Madeira XCO	2014-04-06	Regional	Município de Porto Moniz/C. N. Seixal	1
2ª Prova do Campeonato Regional de Ciclismo de Estrada	2014-04-27	Regional	Município de Porto Moniz/C. N. Seixal	6
3ª Prova do Campeonato Regional de Ciclismo de Estrada	2014-05-18	Regional	Município de Porto Moniz/C. N. Seixal	6
IV Grande Prémio Liberty Seguros	2014-06-07	Nacional	Município de Porto Moniz/C. N. Seixal	30
4ª Prova do Campeonato Regional de Ciclismo de Estrada	2014-06-29	Regional	Município de Porto Moniz/C. N. Seixal	6

9. Autorização Paulo Batista

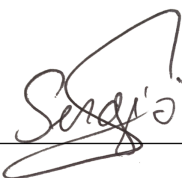
Eu, Paulo Sérgio Vasconcelos Batista, residente em Caminho da Ponte de Pau,
nº15, 9135-030 Camacha, Portugal, portador do Cartão de Cidadão nº 13834991,
declaro que autorizo António Jorge Sousa Abreu, residente em Rua Dr. José Maria
da Silva, nº 48, 9020-415 Funchal, Portugal, portador do Cartão de Cidadão nº
13473224, a utilizar a minha imagem e entrevista no documentário 'Ninguém Nasce
Campeão', no âmbito do Mestrado de Comunicação Audiovisual.

O realizador



(António Jorge Sousa Abreu)

O declarante



(Paulo Sérgio Vasconcelos Batista)

10. Autorizações Músicas


MUSIC RELEASE FORM

'Winners aren't born Winners'

I, _____ Scott Holmes, agree to allow António Abreu, MADproductions, to use my music in the production entitled 'Winners aren't born Winners'. I own the sole and legal copyright to the described work, and hereby agree to the use of this work in the creation of the documentary 'Winners aren't born Winners', for film festivals and online uploads.

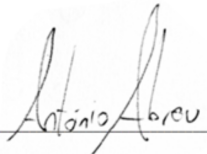
THE COMPOSER

Scott Holmes



THE FILMMAKER

António Abreu




Funchal, 22nd January 2014

MUSIC RELEASE FORM

'Winners aren't born Winners'

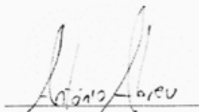
I, Lasse Jørgensen, from The Intuition, agree to allow António Abreu, MADproductions, to use my music in the production entitled 'Winners aren't born Winners'. I own the sole and legal copyright to the described work, and hereby agree to the use of this work in the creation of the documentary 'Winners aren't born Winners', for film festivals and online uploads.

THE COMPOSER

Lasse Jørgensen


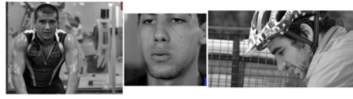
THE FILMMAKER

António Abreu


António Abreu

Funchal, 22nd January 2014

11. Projecto Patrocinadores



Ninguém nasce campeão. É através do talento, trabalho, dedicação e paixão por aquilo que nos move. Emanuel Furtado, Paulo Batista e Paulo Silva ganharam destaque através do seu talento, paixão, dedicação e paixão por aquilo que fazem por um sonho. Com as histórias destes três jovens, podemos descobrir por que os atletas profissionais, mesmo sendo ainda relativamente jovens, possuem tanta força e vontade. Tudo isto que conquistaram até hoje, graças à vida de disciplina, prática, sacrifício e vontade. No entanto, é a paixão e a vontade de vencer a chave de uma vida.

Podemos compará-los por vontade de vencer. Mas também podemos por vontade de aprender. Nunca imaginamos que fosse possível alcançar o que sempre sonhamos. É verdade que não chegou muito ao nosso nível, mas sempre.



Sinto que é a minha missão contar a verdadeira história destes atletas que hoje vivem a sua vida.



Desde pequeno, devoto apaixonado e apaixonado de bicicleta de alta velocidade, este jovem não desistiu de ser atleta de MTB. Este conceito aplica-se a qualquer desporto ou atividade de vida, especialmente aquela onde há um grande número de pessoas que se dedicam ao desenvolvimento de uma atividade.

Com base no conceito familiar para alcançar o sucesso, os melhores exemplos são aqueles que tentaram e não conseguiram, mas não desistiram.

"If you want something right for it, everything is real for them" (Steve Jobs)



A Motociclismo é constituído por grupos autónomos de unidades motociclismo radicadas por todo o país. O grupo atua no âmbito nacional e participa de eventos internacionais em nome do país.

O nosso grupo realiza-se diretamente com as modalidades radicadas. O grupo atua no âmbito nacional e participa de eventos internacionais em nome do país.

- 20000 seguidores no Facebook
- 400000 seguidores no Youtube
- 40000 seguidores no Instagram



Paulo Batista
"Cabrito"
24 anos
Bãozone Portugal
Camacho, Madeira



Paulo Batista nasceu em Camacho, Madeira. Desde cedo foi apaixonado por tudo que envolva o mundo do desporto. Desde pequeno, Paulo Batista apaixonou-se por tudo que envolva o mundo do desporto. Desde pequeno, Paulo Batista apaixonou-se por tudo que envolva o mundo do desporto.



Desde pequeno, devoto apaixonado e apaixonado de bicicleta de alta velocidade, este jovem não desistiu de ser atleta de MTB. Este conceito aplica-se a qualquer desporto ou atividade de vida, especialmente aquela onde há um grande número de pessoas que se dedicam ao desenvolvimento de uma atividade.



Título do Projecto
Ninguém Nasce Campeão

Género
Documentário

Formato
Digital (1080 x 1920 / 16:9 / Cor)

Duração
20 minutos

Local
Ilha da Madeira, Portugal



Os patrocinadores deste projeto serão destacados utilizando as suas variáveis técnicas de divulgação.

valor médio - 100 unidades de produção
valor médio - 100 unidades de produção
valor médio - 100 unidades de produção

12. Patrocínios Oficiais

bikezone

SIXPACK
WWW.SIXPACK-RACING.COM

united

FREE RiDE
MOUNTAIN•BIKING•MADEIRA ISLAND

vittoria

EVOC

dupla **dp**
& Associados S.A.